



**UNIVERSIDADE FEDERAL DA PARAÍBA  
CENTRO DE COMUNICAÇÃO, TURISMO E ARTES  
DEPARTAMENTO DE ARTES CÊNICAS  
CURSO DE LICENCIATURA EM DANÇA**

**TATIANA DOMINGOS DE OLIVEIRA**

**“QUEBRADEIRA” NA ESCOLA: UM EXPERIMENTO PEDAGÓGICO COM A  
SWINGUEIRA NO ENSINO DE DANÇA NA EDUCAÇÃO DE JOVENS E ADULTOS  
NA ESCOLA DA PENHA EM JOÃO PESSOA – PB**

**JOÃO PESSOA**

**2020**

TATIANA DOMINGOS DE OLIVEIRA

**“QUEBRADEIRA” NA ESCOLA: UM EXPERIMENTO PEDAGÓGICO COM A  
SWINGUEIRA NO ENSINO DE DANÇA NA EDUCAÇÃO DE JOVENS E ADULTOS  
NA ESCOLA DA PENHA EM JOÃO PESSOA – PB**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado à coordenação do Curso de Licenciatura em Dança como requisito parcial para a obtenção do grau de Licenciada em Dança da Universidade Federal da Paraíba.

**Orientadora:** Carolina Dias Laranjeira

JOÃO PESSOA

2020

**Catálogo na publicação**  
**Seção de Catalogação e Classificação**

O48q Oliveira, Tatiana Domingos de.

"QUEBRADEIRA" NA ESCOLA: UM EXPERIMENTO PEDAGÓGICO COM A SWINGUEIRA NO ENSINO DE DANÇA NA EDUCAÇÃO DE JOVENS E ADULTOS NA ESCOLA DA PENHA EM JOÃO PESSOA - PB / Tatiana Domingos de Oliveira. - João Pessoa, 2020.  
66 f. : il.

Orientação: Carolina Dias Laranjeira.  
Monografia (Graduação) - UFPB/CCTA.

1. Ensino da Dança. Swingueira. Jovem. Escola. I.  
Laranjeira, Carolina Dias. II. Título.

UFPB/CCTA

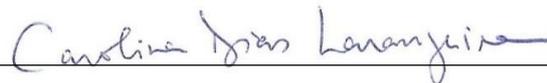
TATIANA DOMINGOS DE OLIVEIRA

**“QUEBRADEIRA” NA ESCOLA: UM EXPERIMENTO PEDAGÓGICO COM A  
SWINGUEIRA NO ENSINO DE DANÇA NA EDUCAÇÃO DE JOVENS E  
ADULTOS NA ESCOLA DA PENHA EM JOÃO PESSOA – PB**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado à coordenação do Curso de Licenciatura em Dança como requisito parcial para a obtenção do grau de Licenciada em Dança da Universidade Federal pela Paraíba.

Data da aprovação: 03/03/2020

**BANCA EXAMINADORA**



---

Prof.<sup>a</sup>. Dr.<sup>a</sup>. Carolina Dias Laranjeira



---

Prof. Dr. Elthon Gomes Fernandes da Silva



---

Prof. Dr. Arthur Marques de Almeida Neto

## AGRADECIMENTOS

Primeiramente, agradeço a Deus por me dar sabedoria, força e saúde para percorrer essa caminhada e alcançar meus objetivos.

Agradeço sempre a minha família, minha mãe Rejane Maria, meu pai Marcos André, minha irmã Taiana Domingos e meu noivo Eduardo Bruno por me apoiarem em todas as minhas decisões e por entenderem minha dedicação ao estudo da dança, da swingueira e a esta pesquisa.

Aos meus amigos, alunos e professores do movimento swingueira de João Pessoa, principalmente aos entrevistados, Edson Patrício, David Jonas e Tiago Silva. Todos eles contribuíram me acompanhando, me incentivando e me dando suporte para que a primeira pesquisa com a swingueira no curso de Licenciatura em Dança da Universidade Federal da Paraíba fosse realizada.

À minha orientadora Carolina Laranjeira, por ter sido uma verdadeira pesquisadora da dança ao aceitar me auxiliar na defesa de um tema pouco valorizado pela sociedade e a banca examinadora, Elthon Gomes e Arthur Marques, que se disponibilizaram a avaliar e contribuir neste trabalho.

Ao Programa Residência Pedagógica e a todos que tive o prazer de trabalhar junto, aos coordenadores, residentes, preceptores, a equipe da escola da Penha e principalmente aos alunos da educação de jovens e adultos (EJA), que receberam minha proposta com carinho e respeito.

Grata por fazer parte da terceira turma do curso de Licenciatura em Dança da UFPB, a turma 2015.2. Os amigos que construí nesta jornada me deram a oportunidade de conhecer a dança através de suas visões de mundo, compartilharam comigo experiências incríveis nos 4 anos de curso e se doaram ao máximo para me incentivar na realização desta pesquisa.

Gratidão a todos os professores que tive a oportunidade de ser aluna desta graduação em dança. Levo comigo cada ensinamento destes profissionais que me transformaram no que eu sou hoje, uma dançarina, pesquisadora e professora de dança preparada para os desafios da dança na escola.

## RESUMO

A presente pesquisa teve como principal objetivo desenvolver um experimento pedagógico buscando explorar o potencial educativo da swingueira, no ambiente escolar junto ao Programa Residência Pedagógica de Dança da UFPB. A swingueira, prática cultural popular de jovens da periferia que envolve música e dança muito presente nas grandes cidades do Nordeste, equivale nesta região ao gênero musical conhecido por Pagode Baiano. A partir da vivência da autora enquanto dançarina e coreógrafa de swingueira, é proposta a inserção de atividade de ensino em dança baseada na cultura dos próprios estudantes. A pesquisa é de abordagem qualitativa participante estruturada por meio de intervenção com 4 oficinas de dança para os jovens da educação de jovens e adultos (EJA) na Escola Municipal Antônio Santos Coelho Neto localizada no bairro litorâneo da Penha no município de João Pessoa. Participaram das atividades as turmas dos ciclos III e IV, uma vez por semana, no horário da disciplina de artes. As aulas se estruturaram com alongamento, aquecimento, dinâmicas, composição coreográfica e roda de conversa. Foram fundamentadas na experiência empírica da pesquisadora e em pesquisadores da dança como Rudolf Laban e Isabel Marques ao abrir o campo de possibilidades com diferentes formas de pensar e fazer dança. Tais referências adaptadas em diálogo com a swingueira na escola proporcionou contribuições ao ensino da dança nas escolas ao possibilitar ao jovem a oportunidade de conhecer melhor seu corpo e experimentar diversas formas de se mover. Além disso, a pesquisa ressalta e incentiva a necessidade do trabalho com a cultura local, não hierarquizando cultura de massa, popular e escolar. Isto possibilitou a existência de uma troca horizontal de conhecimento entre professora e alunos(as) e a valorização da dança na escola. Sendo um experimento reduzido no qual a swingueira esteve presente em uma proposta pedagógica de dança, a pesquisa aponta para a necessidade de sua continuidade em outros espaços educacionais para que mais jovens possam ter esta experiência e a relação entre o ensino de dança e a swingueira possa contribuir com o desenvolvimento da educação nas escolas.

**Palavras-chave:** Ensino da Dança. Swingueira. Jovem. Escola.

## ABSTRACT

This research had as main objective to develop a pedagogical experiment seeking to explore the educational potential of *Swingueira*, in the school environment united to the UFPB's Pedagogical Dance Program. The *Swingueira*, a popular cultural practice of young people from the periphery that involves music and dance very present in large cities in the Northeast, is equivalent in this region to the musical genre known as *Pagode Baiano*. Based on the author's own experience as a dancer and choreographer from *Swingueira*, it is proposed to insert a teaching dance activity based on the students' culture. The research has a participative qualitative approach structured by an intervention with 4 dance workshops for young people from *Educação de Jovens e Adultos* (EJA) at the Municipal School Antônio Santos Coelho Neto located in the coastal district of Penha in João Pessoa. The classes of cycles III and IV participated in the activities, once a week, on the arts discipline timing. The classes were structured with stretching, warm-up, dynamics, choreographic composition and conversation circle. They were based on the researcher's empirical experience and on dance researchers such as Rudolf Laban and Isabel Marques through opening up the field of possibilities with different ways of thinking and doing dance. Such references adapted in dialogue with *Swingueira* at school provided contributions to the dance teaching in schools by giving young people the opportunity to know better their own body and experience different ways of moving. In addition, the research highlights and encourages the need to work with local culture, not hierarchizing mass, popular and school culture. This enabled an horizontal knowledge exchange between teacher and students and the valorization of dance in school. As being a small experiment in which *Swingueira* was present in a pedagogical proposal for dance, the research points to the need for its continuity in other educational spaces where more young people can have this experience and the relationship between dance education and *Swingueira* can contribute to the development of education in schools.

**Keywords:** Dance Teaching. *Swingueira*. Young. School.

## LISTA DE ILUSTRAÇÕES

Figura 1. Aulão de carnaval da Swing Dance .....	28
Figura 2. Encontro de Academias de Dança .....	29
Figura 3. Canal da Cia de dança Kebrart .....	31
Figura 4. Grupo de Cultura Popular Nossa Terra .....	33
Figura 5. Festival de dança da Estação Cabo Branco .....	36
Figura 6. Quebradeira na escola .....	45
Figura 7. Laboratório de artes .....	48
Figura 8. Aquecimento .....	51
Figura 9. Dinâmica do espelho .....	52
Figura 10. Atividade da sequência de movimentos .....	53
Figura 11. Improvisação .....	58

## SUMÁRIO

<b>1</b>	<b>INTRODUÇÃO .....</b>	<b>10</b>
<b>2</b>	<b>O MUNDO DA SWINGUEIRA .....</b>	<b>15</b>
<b>2.1</b>	<b>O que é o pagode baiano?: Entre a cultura popular brasileira e cultura de massa .....</b>	<b>20</b>
<b>2.2</b>	<b>O movimento swingueira em João Pessoa .....</b>	<b>23</b>
<b>2.3</b>	<b>Trajatória pessoal com a dança e a swingueira .....</b>	<b>31</b>
<b>3</b>	<b>TRANÇANDO RELAÇÕES ENTRE DANÇA, EDUCAÇÃO E A SWINGUEIRA .....</b>	<b>36</b>
<b>3.1</b>	<b>As contribuições do Curso de Licenciatura em Dança da UFPB .....</b>	<b>37</b>
<b>3.2</b>	<b>Qual a relação da swingueira com a educação?.....</b>	<b>39</b>
<b>4</b>	<b>A EXPERIÊNCIA DO PROGRAMA RESIDÊNCIA PEDAGÓGICA .....</b>	<b>44</b>
<b>4.1</b>	<b>Procedimentos metodológicos .....</b>	<b>46</b>
<b>4.2</b>	<b>Reflexões sobre o experimento .....</b>	<b>56</b>
<b>5</b>	<b>CONSIDERAÇÕES FINAIS .....</b>	<b>59</b>
	<b>REFERÊNCIAS.....</b>	<b>61</b>

## 1 INTRODUÇÃO

A pesquisa atual partiu da minha inquietação como dançarina e coreógrafa de swingueira na cidade João Pessoa ao me colocar a questão sobre como explorar o potencial educativo desta dança e manifestação cultural popular, tão presente no cotidiano de alguns dos jovens de classe média baixa da cidade e que, no entanto, é quase sempre desvalorizada pela sociedade. Considerada sem qualidade estética e de conteúdo “impróprio”, a swingueira é vista como “cultura de gente sem estudo”, “dança vulgar”, “que não tem nada a oferecer”...

Comecei a me sentir incomodada com esse preconceito, quando passei a receber críticas por participar do movimento cultural chamado “swingueira” em João Pessoa, mesmo percebendo que ele tinha bastante influência na formação da minha identidade.

A swingueira não é apenas uma dança, é uma manifestação corporal e musical pertencente à cultura popular e de massa. Ela é intitulada de várias formas diferentes dependendo da sua localidade. Na Bahia, por exemplo, onde o gênero musical surgiu, é chamado de pagode baiano. Quebradeira, o nome que está presente no título desta pesquisa, também é uma das variantes que podem ser encontradas, mas neste caso está representando uma expressão popularmente utilizada pelos participantes do movimento. Ela é sinônima a palavra “requebrado” que pode indicar um rebolado ou outro movimento que chame a atenção.

João Pessoa e sua região metropolitana (principalmente os municípios de Santa Rita, Bayeux), possuem grande concentração de envolvidos no movimento swingueira, sendo eles na maioria jovens. Estas pessoas se dividem em dois tipos: as de classe média baixa que nasceram dentro da cultura onde é produzida a música e a dança e as de classe média que mesmo de fora conhecem o movimento de forma superficial, atraídas pelo mercado midiático e pelas aulas de ritmos oferecidas nas academias de ginástica.

Tratando especificamente de João Pessoa, local desta pesquisa, a swingueira é composta por músicos, professores de dança, coreógrafos, dançarinos, estilistas, produtores que se dedicam a promover e participar de diversos eventos como shows, festas, concursos de dança, festivais, blocos carnavalescos e encontros. É nesse movimento cultural que venho observando meu desenvolvimento desde a minha adolescência até os dias atuais.

Depois que comecei a conhecer e frequentar aulas e ensaios de grupos de dança de swingueira, me tornei mais desinibida, ágil, minha memória e coordenação motora foram estimuladas, passei a ser uma pessoa mais sociável, enxerguei as infinitas possibilidades de movimentos que meu corpo conseguia executar e percebi o potencial artístico que aquela dança proporcionava em mim, através da criação de sequências e coreografias, da expressão

de sentimentos e emoções e do despertar do meu senso crítico. Tudo isso me tornou mais forte. Estudar meu próprio corpo, suas limitações e perceber as sensações que aquela dança trazia em mim, me fez querer movê-lo além do que eu já movia e me fez ter sede de aprender mais sobre meus movimentos, sobre a swingueira e como ela interferia no meu cotidiano. Minha entrada no curso de Licenciatura em Dança da Universidade Federal da Paraíba (UFPB) estimulou ainda mais meu interesse pelo estudo do corpo e do movimento nesta dança a partir das experiências acadêmicas aliadas as vivências com a swingueira.

A partir daí passei a me questionar: Se esta dança contribuiu para o meu desenvolvimento pessoal e artístico, porque não poderia ser conteúdo e material para ensinar e aprender dança e estimular outros jovens a conhecer as potencialidades de seu corpo, melhorar sua sociabilidade e valorizar sua cultura?

Desde adolescente estudei diversos estilos de dança: dança de salão, dança do ventre, stiletto, dança contemporânea, algumas danças populares, como coco de roda, ciranda, frevo, xaxado, dança de salão regional, danças juninas. Entre as danças da cultura de massa, que são as que fazem sucesso na mídia atual, também pratico: funk, brega funk, batidão, entre outros estilos. Entretanto, nenhum deles me provocou o desejo de explorá-los de outras formas, como a swingueira. Paralelamente a todas estas experiências com os diversos estilos de dança, sempre pratiquei e trabalhei principalmente com esta dança que me despertava a vontade de aprender, ensinar e transformá-la. Há 7 anos sou coreógrafa de um grupo de dança chamado Kebrart, bastante reconhecido pelos envolvidos em swingueira dentro e fora do estado<sup>1</sup>. Nos ensaios do grupo, são feitos diversos estudos, experimentos com o corpo e montagens de espetáculos que se diferenciam daquilo que se rotula sobre o movimento swingueira de forma preconceituosa e classista.

Não é certo fechar os olhos e ignorar os problemas que existem nas composições ofensivas e de baixo calão que as músicas possuem. São temas polêmicos que destratam a mulher e estimulam uma sexualidade baseada na objetificação da mulher ou na sexualização precoce. Mas também é correto afirmar que é um movimento formado pelas classes mais baixas, pessoas que convivem diariamente com a pobreza, a violência, o preconceito, a falta de oportunidade e é dessa força que conseguem soltar sua voz e ganhar espaço na sociedade.

---

<sup>1</sup> Participante de diversas edições do SESC ENCENA e ALDEIA SESC, em João Pessoa;  
2º Lugar no 4º Kibalaca Fest, Jaboatão dos Guararapes, Pernambuco, em 2012;  
Campeão de diversas edições do Festival de Swingueira dos Bambas, em João Pessoa;  
Participante do 5º Festival de Cultura de Passa e Fica, no Rio Grande do Norte, em 2015;  
1º Lugar no Festival de Swingueira de São Gonçalo do Amarantes no Rio Grande do Norte, em 2017.

Meu experimento da swingueira com adolescentes e adultos dentro da Cia de Dança Kebrart teve bons resultados. Utilizei diversas formas de estudar a dança, sem apenas apresentar movimentos e ter a repetição destes pelos dançarinos. Para isso, me baseei em pesquisadores como Rudolf Laban e Isabel Marques e suas metodologias de ensino da dança estudadas no curso de licenciatura em Dança da UFPB.

O curso valoriza o licenciando por meios de suas histórias de vida e de suas próprias culturas permite propostas singulares em seus processos de ensino-aprendizagem e o aproveitamento de diversas linguagens em seus novos experimentos como aprendiz de artista-docente. No caso desta pesquisa, estou experimentando as relações entre as diferentes formas de pensar e fazer dança aprendidas no curso, com a minha dança específica.

Dessa maneira, esta pesquisa teve como principal objetivo propor um experimento pedagógico com a swingueira tendo em vista conhecer e explorar seu potencial educativo. Além disso, como objetivos específicos desejei:

- Experimentar atividades estudadas no curso de Licenciatura em Dança da UFPB articuladas ao estudo da swingueira;
- Despertar o senso crítico do aluno por meio da dança estudada;
- Ampliar positivamente a visão dos professores e alunos em relação a existência de danças da cultura de massa na escola formal, fazendo com que exista uma troca de conhecimentos.

Desta forma, venho apresentar a swingueira como uma possibilidade de linguagem artística a ser explorada dentro da escola, onde ela pode ser facilmente estudada e praticada em conjunto com os conteúdos programáticos do ensino de artes de forma a contribuir para o desenvolvimento do aluno.

Para alcançar meus objetivos escolhi desenvolver esta pesquisa por meio de abordagem qualitativa como uma intervenção no ambiente escolar ao oferecer oficinas para alunos da Educação de Jovens e Adultos, na Escola Municipal Antônio Santos Coelho Neto de João Pessoa – PB, a escola da Penha, através do Programa Residência Pedagógica de Dança da UFPB, no qual faço parte como residente.

Este programa também teve grande importância no percurso desta pesquisa, por me preparar com indicações de como agir em sala de aula e ser uma boa profissional a partir das reuniões e discussões na UFPB e a partir das atividades práticas de observação na escola, elaboração de relatórios e socialização em eventos acadêmicos. Foi através do Programa Residência Pedagógica que tive a oportunidade de por em prática este experimento na escola da Penha, local que favoreceu o desenvolvimento do meu trabalho por ser uma escola de

referência que me deu total apoio e por possuir, nas turmas da EJA, grande concentração de jovens já familiarizados com diversas danças midiáticas, incluindo a swingueira. Foram duas turmas trabalhadas separadamente: o ciclo III e ciclo IV, cada uma com uma média de 20 alunos participando de 4 oficinas, durante uma hora, uma vez por semana, nas quintas-feiras, no turno da noite, no horário das aulas de artes.

Para realizar todas as etapas da pesquisa organizei as oficinas com os seguintes procedimentos da prática pedagógica: alongamento, aquecimento, dinâmica, composição coreográfica e roda de conversa. Utilizei o embasamento dos mesmos materiais teóricos da dança do experimento na Cia de dança Kebrart: Rengel (2003) e Marques (2014), ainda busquei outros materiais que pudessem me nortear sobre a história da swingueira a partir das pesquisas dos autores Chagas (2016); Lacerda (2016); Leme (2001); Nascimento (2012) e Santos (2006). O maior desafio, foi encontrar material sobre o histórico dessa dança em João Pessoa, para isso precisei realizar algumas entrevistas. Além disso, não existem registros sobre swingueira na educação no qual pudesse me apoiar em como utilizar as diferentes formas de fazer e pensar a dança. Mas baseado nos meus estudos do curso de dança e com o auxílio dos meus registros das aulas do diário de bordo, consegui adaptar e por em prática diversos experimentos articulados ao trabalho com os padrões de movimento, ritmo e organização corporal da swingueira com os jovens da EJA na escola da Penha. Desta forma a swingueira e a escola caminharam juntas para a formação de identidade do aluno. Uma identidade que não exclui suas referências culturais.

Por fim, trago aqui a estrutura em que se organizou este material teórico. O capítulo 2 tratou do histórico da swingueira e suas nomenclaturas utilizadas em diferentes lugares do Nordeste. Neste capítulo, esclareço a origem da swingueira, mostrando que ela não é apenas um produto midiático, existe todo um contexto e relações culturais que a caracterizam. Esse esclarecimento tem por objetivo diminuir o preconceito vivido pelas pessoas que fazem parte desta cultura. Além disso, no subcapítulo 2.2 apresento um breve histórico da swingueira em João Pessoa e no subcapítulo 2.3, minha trajetória com a dança com o intuito de contextualizar o local da pesquisa e a minha relação com o tema abordado.

Já no capítulo 3, trago discussões sobre a relação da dança com a educação e como a swingueira pode participar dessa junção. Além disso, mostro as contribuições do curso de Licenciatura em Dança da UFPB para este estudo, através de seus pesquisadores Rengel (2003), que explica a teoria de Rudolf Laban, Marques (2014) e Vianna (1987), disciplinas e experimentos em dança.

Enfim, a prática pedagógica que se desenvolveu, foi relatada no capítulo 4 juntamente com seus resultados, que envolvem as impressões que os jovens tiveram sobre as atividades, discussões e minha análise sobre como se deu a pesquisa e quais mudanças ocorreram ao longo do processo.

## 2 O MUNDO DA SWINGUEIRA

Swingueira é um outro nome adotado pelo gênero musical pagode baiano.

Além dessa, existem outras nomenclaturas que também denominam esse ritmo, como: pagode, pagodão e swing baiano. Nos seguintes Estados do nordeste: Paraíba, Pernambuco e Rio Grande do Norte é mais comum se ouvir chamar swingueira. Não se sabe ao certo o porquê da preferência nesta denominação, pois são escassos os estudos sobre o gênero musical consumido na maioria dos estados nordestinos, entretanto Chagas (2016, p. 74) apresenta essa suposição:

O termo swingueira, às vezes utilizado como sinônimo de pagode baiano, como um outro nome para esse gênero musical, intitulou uma canção do grupo Coisa de Bamba, no final dos anos 90, que certamente contribuiu para que o gênero recebesse também esse outro nome [...].

As próprias bandas baianas têm sua forma particular de definir a música, como relata Nascimento (2012, p. 57), “[...] o grupo Fantasmão se autointitula groove arrastado; o Black Style, pagofunk; o Saiddy Bamba, swingueira; o Pagodart, quebradeira e o Psirico, samba swingado.” Neste momento será considerada a expressão pagode baiano por ser a mais encontrada em seu histórico a partir das seguintes referências: Chagas (2016); Lacerda (2016); Leme (2001); Nascimento (2012) e Santos (2006).

Surgido nos guetos do Recôncavo Baiano, em meados dos anos 90, o pagode baiano é herdeiro dos sambas que acontecem nas diversas festividades religiosas da Bahia. As músicas falam de temas variados como a cultura negra e o cotidiano das comunidades. Seus movimentos representam força, resistência, festa, entre tantos outros significados. A sexualidade também está presente nas letras e corporeidade, por esta razão, constantemente, o gênero musical gera polêmica e preconceito em boa parte da população, mas o que muitos não sabem é que existe um contexto histórico, cultural e étnico que explica todas essas características.

Sobre sua definição, existe a seguinte contribuição do pesquisador Santos (2006, p. 75),

o pagode descende de uma forma muito direta de comunicação, o samba de roda, que acontecia nas praças, nos quintais, nas praias. No meio da roda as pessoas revezavam-se a dançar, enquanto outros sustentavam o ritmo nas palmas. O repertório era composto de um sem-número de letras curtas,

relacionadas às intensas relações entre o Recôncavo rural e a sociabilidade compartilhada através de temáticas do cotidiano.

Nascimento (2012, p. 56) tem sua própria interpretação mais recente do que seja esse gênero musical:

No atual contexto, o pagode baiano – aqui compreendido como uma das expressões da “música baiana” – é um gênero híbrido oriundo do samba que mescla a tradição do samba do Recôncavo baiano com algumas intervenções e inovações tecnológicas, incorpora novas experimentações da música eletrônica a partir de tecnologias como o sampler bem como agrega o funk e dialoga com outras tradições regionais, como a chula<sup>2</sup>.

Então podemos definir o pagode baiano como uma versão mais atualizada do tradicional samba baiano com inovações tecnológicas? Em resumo, seria correto pensar desta forma, mas o gênero musical não se enquadra a um fenômeno relâmpago da atualidade, como muitos acreditam ser. Para começar a entender o formato da dança e música do pagode baiano, é necessário voltar ao período da colonização brasileira, onde segundo Tinhorão (2008 *apud* CHAGAS, 2016, p. 49),

a primeira manifestação musical-dançante dos escravos no Brasil, cujo nome se manteve acessível historicamente, foi o batuque. Trata-se de um nome genérico que os portugueses deram às manifestações percussivas dos negros (*idem.*, p.36); “não configurava um baile ou um folguedo, em si, mas uma diversidade de práticas religiosas, danças rituais e formas de lazer” (*ibid.*, p.55). O historiador não discute o aspecto etimológico da palavra, mas, provavelmente, é derivada do verbo bater, do português.

Derivado desses batuques, de acordo com a pesquisadora Leme (2001, p. 47), o lundu, manifestação cultural praticada pelos negros escravos do século XVIII, pode ser considerada uma das primeiras danças que se assemelha ao atual pagode baiano por possuir características como movimentos de rebolado e umbigada, o som do batuque, o canto coletivo, letras de duplo sentido e o “vulgar”, dito pelos críticos da época.

É importante lembrar que o lundu e as danças posteriores ao período colonial, não surgiram apenas através da cultura dos negros escravos, mas sim da miscigenação com brancos e mestiços das camadas mais baixas das cidades e vilas, de acordo com Tinhorão (2008 *apud* CHAGAS, 2016, p. 50). Sendo assim, o pagode baiano pode ser considerado

---

<sup>2</sup> “Trata-se de uma dança típica do Recôncavo baiano que se caracteriza pelos passos curtos e movimentos cíclicos. É um gênero musical tocado com a viola machete e de ritmo afro-brasileiro.” (NASCIMENTO, 2012, p. 56)

herdeiro da hibridização de diversas culturas. Tanto o lundu, quanto outras danças como a fofa, fado e os diversos sambas de roda contribuíram para a identidade do gênero musical.

Deixando de lado o lundu e entrando em um momento mais recente da história, é necessário destacar a forte ligação do pagode baiano com os sambas de roda, manifestações culturais que ainda se fazem presente na Bahia.

Um dos sambas que mais se assemelha ao atual gênero musical, segundo a historiadora Serra (2009 *apud* CHAGAS, 2016, p.58) é o samba de putaria, pela forte apelação sexual presente nos dois gêneros musicais. Outra autora, Oliveira (2001 *apud* CHAGAS, 2016, p. 65) comenta que o pagode baiano é originário do samba duro ou samba corrido praticado dentro do samba junino, uma manifestação cultural que acontecia no período do São João em diversas regiões do Estado. Segundo ela, essas festas juninas faziam arrastões desfilando com o ritmo acelerado do samba corrido que se assemelhava muito com a música da Banda Timbalada<sup>3</sup>. Em um depoimento à etnomusicóloga Katharina Döring, citada por Lima (2003 *apud* CHAGAS, 2016, p.66), o percussionista Jorge Bafafá, explica que o samba duro veio do candomblé, do samba de caboclo, que é um ritmo acelerado.

Independente de qual seja o samba de origem do pagode (samba de putaria, samba duro, samba de caboclo etc.), é frequente encontrar músicas atuais que citam, de forma geral, os sambas de roda como suas raízes culturais. Podemos observar isso na música Sou do pagode<sup>4</sup>:

Vou levando a bandeira do meu samba  
 Pra exaltar minha raiz  
 A missão é levar alegria pro povo  
 Fazer todo mundo feliz

Então canta  
 Porque quem canta os males espanta  
 Então viva  
 Porque da vida só resta a lembrança  
 E viver em harmonia só renova a esperança  
 Por isso batemos no peito  
 E do nosso jeito caímos na dança

Contra-baixo comendo no centro  
 O cavaco chorando a pegada é forte

<sup>3</sup>A Banda Timbalada surgiu no bairro Candeal em Salvador - BA, no final dos anos 80, pelo artista Carlinhos Brown, a novidade desse projeto das demais bandas do período foi a reinvenção da sonoridade do timbau. Carlinhos Brown contou com a participação de cantores e dezenas de percussionistas. Disponível em: <<http://www.carlinhosbrown.com.br/>>. Acesso em: 07 mar. 2020.

<sup>4</sup> Artista: Harmonia do Samba. Dvd Selo de Qualidade ao vivo, 2011. Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=7avQx86GQDg>>. Acesso em: 07 mar. 2020.

Só dá pagode, só dá pagode  
Eu sou do pagode

A viola comendo no centro  
A negona requebra, o negão se sacode  
Só dá pagode, só dá pagode  
Eu sou do pagode

Ou na música Pagodão<sup>5</sup>:

Minha aldeia, minha tribo,  
Minha cultura, minha raiz...  
Cultura de um povo baiano,  
Herança do povo africano,  
O balancê tem sotaque do negão, samba duro e pagodão

Ta na pele, ta no sangue,  
Ta correndo pelas veias,  
O tabuleiro da baiana ta na pedra do pelô  
Ritmo da gente, pagodão que balança Salvador

Bota, bota, bota, bota o pagodão que ela gosta  
Bota, bota, bota, bota o pagodão que ela gosta

Oh, deixa de lado esse preconceito  
Veja como é lindo esse ritmo negro  
Pagode é samba, samba é semba  
Bota o pagodão que ela vai gostar

Os elementos que compõem as manifestações culturais não são categorizados separadamente. Dança, música e religião, em se tratando das matrizes africanas, se fazem presentes de forma conjunta. Deste modo o pagode baiano não herdou apenas os movimentos e ritmos dos negros escravos, a religiosidade também tem uma forte participação nas manifestações culturais baianas e não podemos deixar de citá-la, como neste exemplo da música Remador<sup>6</sup>:

Pescador bota o barco no mar  
Hoje é dia 2  
Dia de iemanjá  
Odoíá

<sup>5</sup> Artista: Banda Parangolé. Dinastia Parangoleira 10 anos – Ao vivo, 2008. Salvador. Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=u3gX38kFVcs>>. Acesso em: 07 mar. 2020.

<sup>6</sup> Artista: Banda Parangolé. Álbum: A verdade da cidade, 2007. Salvador. Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=Z5QJN1tLSHo>>. Acesso em: 07 mar. 2020.

Rema, rema, rema  
 Rema, rema, rema, remador  
 Nessa levada que vai  
 Nessa levada que eu vou  
  
 Bahia de todos os santos  
 Tem força, feitiços, indícios, encantos  
 Tomara meu deus tomara  
 Que meu barco navegue os sete mares  
 E os povos de todos lugares  
 Naveguem na paz do senhor  
 Odoiá  
  
 Nas ondas meu barco balança  
 Nas ondas meu barco balança  
  
 Mas vou seguindo viagem  
 Esperando a calma  
 Não levo muita bagagem  
 Só pai nosso e uma ave-maria  
 Meu povo é guerreiro de fé  
 Tem força e sabedoria  
 Odoiá

Leme (2001, p. 49), sintetiza a identidade do pagode baiano, principalmente do grupo É o tchan<sup>7</sup>, um dos grupos que deu início ao gênero musical, como a representação da região do Recôncavo Baiano, do carnaval de rua e da linguagem da classe popular.

Leme (2001, p. 50), explica a partir de entrevista com Rangel<sup>8</sup>, produtor fonográfico do É o Tchan:

o “Tchan” “tem o pé” no samba-de-roda tradicional do Recôncavo (cujas cidades de Cachoeira, Santo Amaro, São Félix são representantes), por conta da origem dos criadores, da experiência pessoal do próprio Rangel e da de seu arranjador Robson Nonato (nascido em Cachoeira), além de alguns músicos do grupo; é herdeiro dos antigos “lundus baianos” cantados pelas avós; tem influência do candomblé, pela incorporação do rum<sup>9</sup>, por sua sugestão, como instrumento base na rítmica do grupo (um dos músicos é

<sup>7</sup> Inicialmente chamado de “Gera Samba”, o grupo baiano da década de 90 se tornou fenômeno musical, com mais de 10 milhões de discos vendidos. Os cantores Beto Jamaica e Compadre Washington estavam sempre lançando novos hits e seus dançarinos marcantes: a loira e a morena do tchan e o Jacaré criavam modas e coreografias que faziam sucesso em todo o país. Disponível em: <<https://bandaeotchan.com.br/>>. Acesso em: 07 mar. 2020.

<sup>8</sup> Wesley Rangel foi um dos primeiros produtores musicais que surgiu na cidade de Salvador em meados da década de 1960, ele abriu oportunidade para novos talentos da música e produziu artistas de grande sucesso, como Daniela Mercury, Timbalada, É o Tchan, Chiclete com Banana, entre outros. Sua contribuição para o crescimento do mercado musical baiano foi bastante significativa. Disponível em: <<https://www.wrbahia.com.br/wesley-rangel/>>. Acesso em: 07 mar. 2020.

<sup>9</sup> O rum é um instrumento musical de percussão. No candomblé, ele é o instrumento base, o atabaque maior.

ogã<sup>10</sup>); está ligado à tradição dos blocos afro (os dançarinos Jacaré e Débora Brasil, além de Beto Jamaica, atuaram no Ilê Aiyê) [...]

Diante destas circunstâncias, podemos observar que o pagode baiano herda características de uma vasta rede de manifestações populares que teve início no período colonial e desde então vem agregando elementos culturais como músicas e danças afro-brasileiras até os dias atuais.

Agora que entendemos a origem do pagode baiano, chegamos ao ponto máximo desse item, o questionamento entre as duas faces do pagode baiano: cultura popular ou apenas um produto mercadológico?

## **2.1 O que é o pagode baiano?: Entre a cultura popular brasileira e cultura de massa**

De acordo com o histórico do gênero musical, notamos que grande parte das suas características têm relação com as danças existentes no período colonial brasileiro, especialmente as praticadas pelos negros escravos e seus costumes africanos. “As descrições das danças africanas marcadas pela umbigada parecem dizer muito a respeito da dança no pagode baiano” (CHAGAS, 2016, p. 51). E são vários os outros elementos presentes no musical atual que se pode notar semelhança com danças populares brasileiras, que o antecedem. A configuração em roda, o canto através de coro e resposta e a representação de movimentos que remetem a sexualidade são exemplos disso. Chagas, (2016, p. 52) diz que, “independente da finalidade, as experiências coreográficas e musicais dos negros africanos foram responsáveis pelas danças que surgiram no período colonial brasileiro, tornando a África, matriz cultural destas manifestações.” Isso reverbera até os dias atuais através de diversas danças da atualidade, incluindo o pagode baiano. Que por sua vez traz uma rica estrutura em seus movimentos e música que caracterizam a nova versão da cultura popular brasileira iniciada no período colonial.

Mas o pagode baiano ser considerado uma cultura massiva ainda ganha mais destaque na sociedade. No entanto não foi tão fácil para este alcançar um sucesso nacional, como diz o pesquisador Santos (2006, p.78), “pelo contrário, pois parece até ter havido durante muito tempo um complô dessas mídias para ignorar o fenômeno.” E ainda completa, “até 1987 as emissoras de rádio praticamente não veiculavam a musicalidade afro-baiana, a imprensa não

---

<sup>10</sup> O Ogã é a pessoa responsável por coordenar todo o ritual no terreiro, por isso ele está sempre lúcido, não entra em transe. Sua função também é cantar e tocar os atabaques para as entidades.

lhe dava espaço e a televisão sequer mencionava os fluxos culturais dos guetos da cidade embalados pela musicalidade negra.” (SANTOS, 2006, p.79)

Levou um certo tempo para que o pagode baiano pudesse ganhar espaço na indústria fonográfica brasileira, sua inserção nesse meio só foi possível pelo grande sucesso que o pagode já fazia com a população, principalmente nas camadas mais populares. O mercado musical então se rendeu ao sucesso do gênero e facilitou ainda mais o seu crescimento, que mesmo alcançando nível nacional não foi bem aceito por uma parcela da população por ser considerada uma música vulgar e não se encaixar no que, para alguns, seria uma música de qualidade. Mas para isto há uma explicação:

Este tipo “inocente” de manifestação do sex-appeal é típico das comunidades afrodescendentes carentes e salienta que “esta brincadeira (brincadeira + libidinagem) está presente nas canções de rua, nas umbigadas, no samba-de-roda, na dança do ‘Põe-põe’. Não é nada de imoral, evidentemente, de pornográfico. A novidade é que, hoje, isso sai da rua e sobe para o palco.” (ALBERGARIA, 2001, p.13 *apud* SANTOS, 2006, p.82)

Chagas (2016, p. 59) também traz sua colaboração a respeito da qualidade do gênero:

[...] apesar dos pânicos morais difundidos por setores sociais que não frequentam esses espaços, em grande parte das vezes em que os estive observando, não vi nada que caracterizasse algo que me parecesse problemático no sentido do que, geralmente, é apontado nessas críticas e/ou ataques.

Deste modo, observa-se que o pagode baiano divide opiniões que vão além do gosto musical, envolvem outras questões: classe social, raça, gênero, religião etc.

“A cultura de massa tem sido objeto de investigações, formulações e discussões acadêmicas há quase um século” de acordo com a pesquisadora Lacerda (2016, p. 53). E ela ainda reforça sua fala afirmando que a utilização desta cultura em diversos estudos, está empregada de forma crítica, muitas vezes, sem saberem precisamente sua definição.

É importante destacar que a cultura de massa pode ter interpretações variadas dependendo do contexto e ainda existem os fatores tecnológicos, sociais, políticos e econômicos que contribuem para um tratamento mais detalhado em cada situação em que ela está inserida.

O pagode baiano, é produto dessa indústria massiva, “pois a articulação com o público se dá através de um circuito cultural no qual os meios de comunicação em massa exercem grande influência” (LACERDA, 2016, p. 57). Deste modo, está generalizadamente associado

a falta de conteúdo e qualidade musical. Mas a cultura de massa não pode ser vista unicamente como produções com fins lucrativos e em se tratando do pagode baiano, existe um grande potencial cultural e educativo por trás de todas essas definições estereotipadas pela mídia, com diversidade de discursos a serem explorados, como as relações sociais, questões raciais, de gênero, etc., e é essa exploração do que o pagode tem a oferecer que esta pesquisa traz como exemplo.

Por mais que exista um estranhamento por parte da academia com relação ao estudo de expressões da cultura de massa, principalmente quando essa se encontra fora do repertório canônico da música popular brasileira, cabem aos pesquisadores a desmistificação e desconstrução de preconceitos, pois essa manifestação cultural é parte importante na compreensão das relações sociais no Brasil dos últimos séculos. (LACERDA, 2016, p.55)

E por mais que cause um desconforto admitir o gênero como parte de uma cultura massiva, esse é o caminho pelo qual o pagode consegue ganhar visibilidade para sua voz que é rejeitada pelas classes elitizadas as quais controlam diversos setores, incluindo a indústria cultural.

Observamos através de toda essa trajetória, que o pagode baiano traz uma enorme complexidade de problemáticas a serem discutidas, desde seu papel econômico até a luta contra o machismo, mas por hora teremos que deixar esta discussão para um outro momento, pois um parágrafo ou um subcapítulo seriam poucos para analisar temas tão delicados e fugiríamos do foco desta pesquisa.

Para este momento, nos importa conhecer a história do pagode baiano e entender que mesmo este fazendo parte de uma cultura midiática, seu valor cultural é enorme e ele pode trazer grande contribuição para a educação, pois estas questões originárias auxiliam no processo de construção do conhecimento do movimento, do corpo e da dança, facilitando no entendimento da estrutura atual do pagode baiano e norteando os professores a saber por onde comecem a abordá-lo.

E então, voltando a atenção para o questionamento inicial deste item sobre ser uma cultura popular ou cultura de massa, o que podemos observar é que mesmo sendo categorizado como mais um produto midiático, o pagode baiano assume seu papel social e político de grande importância para a sociedade que vive essa cultura, visto que a necessidade de mostrar quem são, de onde vêm, de enaltecer suas raízes negras e de viver nos guetos, vai mais além do que se enquadrar aos padrões de qualidade no mercado musical. É nítido ver

tudo isso na música e na dança do pagode baiano. Trago aqui um exemplo disso por meio da letra da música Ser negão é massa<sup>11</sup>:

Rapaz se olhe no espelho repare o cabelo compare o nariz  
Sua origem é África mesmo que não queira todo mundo diz

Se assuma ser negão é massa  
Se assuma ser negão é raça [...]

E é através dessa força da cultura das camadas mais baixas da sociedade que venho mostrar o rico conteúdo que posso explorar com os jovens em diversos espaços, incluindo a escola. Abordando sua história, seus movimentos, além de também estudar sua participação no mercado industrial.

## 2.2 O movimento swingueira em João Pessoa

Já sabemos que o pagode baiano em alguns estados do nordeste é simplesmente chamado de swingueira, mas nem sempre foi assim. Nos seus anos iniciais em João Pessoa, por volta de 1998 a 2000, onde ninguém conhecia ao certo aquele novo gênero musical, era chamado de axé music, gênero musical baiano que também teve seu auge na década de 90. À medida que os anos foram passando intitulou-se de swing baiano, pois já se entendia que não era a mesma música dos trios do carnaval e sim um novo ritmo, até ser conhecido atualmente como swingueira.

Além da nomenclatura adotada não só em João Pessoa como na região metropolitana e em outros estados vizinhos, aos poucos modificaram-se também algumas características dos movimentos originais praticados na Bahia, absorvendo as diferentes culturas de cada região se transformando na atual swingueira, ou melhor, “no movimento swingueira”. Digo “movimento” pois este não se limita a um gênero musical, mas sim uma manifestação cultural que envolve diversos grupos de músicos, dançarinos e amantes da música, que representa uma classe social popular tendo em seu conteúdo temas sobre o preconceito, a violência, a malícia, a sexualidade, o seu dia a dia, de uma forma festiva.

Em Pernambuco, por exemplo, o gênero musical tem muita força e atrai muitos jovens em seu movimento local. Existem muitos grupos de dança<sup>12</sup> que trabalham com a swingueira,

---

<sup>11</sup> Artista: Sam Hop. Composição: Evaldivan Bomfim (Bambam). 2009. Salvador. Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=5Zpb6Sr-LWM>>. Acesso em: 07 mar. 2020.

todos eles muito volumosos, contendo de 20 a 40 componentes, desde crianças até adultos. Os pernambucanos têm uma forma simples de dançar, são movimentos *retos e rápidos* que se tornam categorizados na ação de esforço básico de Rudolf Laban como “pontuar”. De acordo com Rengel (2003, p. 24), sobre as características desta ação, “sua qualidade de espaço é direta; sua qualidade de peso é leve; sua qualidade de tempo é súbita”. O principal elemento que destacam os dançarinos pernambucanos, é a energia que transmitem para quem está assistindo suas apresentações, são coreografias de 15 a 30 minutos sem parar, sempre com muita instiga<sup>13</sup>, apesar dessa característica ser comum a todos que praticam essa dança, eles vão além neste quisito.

Já no estado do Rio Grande do Norte, os grupos de swingueira investem em temas com narrativas para suas apresentações. As ideias dos assuntos a serem explorados são muito diversificadas como filmes e desenhos animados ou histórias de amor, que fogem do habitual dentro do movimento. Sempre criativos e espetaculosos, muitas vezes se vestem de personagens conhecidos e seus cenários com muitas cores e brilho.

Em João Pessoa os grupos não são muito volumosos, seus figurinos e cenários não são o destaque, mas pela minha própria vivência de coreógrafa, percebo a diferença dos movimentos, são mais complexos de executar. Em um compasso da música, são feitos diversos movimentos explorando níveis e direções rapidamente. Os pessoenses investem no corpo do dançarino, para que executem esses movimentos da forma mais correta possível, com passos limpos, aproveitando cada momento da música, criando as coreografias mais difíceis e têm a habilidade de improvisar ao som de qualquer batida percussiva, diferente das outras localidades que sempre levam coreografias já prontas para os vários tipos de eventos.

A partir do ano 2000 o novo ritmo começou a ganhar força na cidade de João Pessoa através de pequenos grupos de amigos que se encontravam para dançar no carnaval e em outras festas ao som das bandas baianas que faziam sucesso naquele momento<sup>14</sup> como Pagod’art, Marrom Society, Psirico, Guig Guetto, Parangolé, Oz Bambaz e principalmente o Harmonia do Samba. Há controvérsias sobre o surgimento do primeiro grupo que utilizou a swingueira em seu repertório de apresentações em João Pessoa, segundo alguns dançarinos entrevistados, o pioneiro a praticar a swingueira em apresentações foi o Grupo de Danças

---

<sup>12</sup> No movimento swingueira, em João Pessoa e cidades vizinhas, a cultura de participar de um grupo de dança de swingueira é muito forte. Os grupos se dedicam a ensaios constantes pra participar de diversos eventos, principalmente concursos.

<sup>13</sup> Palavra popularmente utilizadas pelos dançarinos de swingueira que define uma pessoa muito entusiasmada, empolgada, enérgica. Ser um dançarino instigado é um elemento diferencial.

<sup>14</sup> No final dos anos 90 e início dos anos de 2000, estas foram algumas das bandas baianas de swingueira que surgiram e lançaram várias músicas que viraram grandes sucessos, como por exemplo a Banda Psirico com a música Escovadinha e o Pagodart com a música Se você quer tome.

Folclóricas do Serviço Social do Comércio da Paraíba (SESC). Esta é uma das companhias de cultural popular mais antigas e sempre teve grande prestígio dentro e fora do Estado da Paraíba<sup>15</sup>.

Muitos são os materiais encontrados sobre o grupo do SESC, mas são poucos os registros deste período que vivenciaram a swingueira, somente alguns dos dançarinos mais antigos conhecem esta parte da história do movimento em João Pessoa. Contactar os próprios participantes do grupo não foi tarefa fácil e mesmo conseguindo, ainda restou dúvida sobre se realmente foram os pioneiros da swingueira.

Fora este grupo de cultura popular, o precursor mais conhecido do estilo se chama Junior Só Cintura<sup>16</sup>. Professor que deu início ao grupo Só Cintura. Ele e seus dançarinos, que na maioria também eram professores de dança, foram os primeiros a estimular diretamente o crescimento do movimento na cidade.

Junior Só Cintura, nascido em João Pessoa, fez sucesso com seus movimentos e criatividade para criar coreografias complexas aproveitando bem a batida da música. Dançarino de salão e bailarino de bandas de forró em todo o Nordeste, sempre viajou muito e estudou diversas danças ajudando a qualificar seus trabalhos junto a companhia de dança Só Cintura.

O grupo era formado por dançarinos na maioria homens, muito simpáticos e com muita energia. Chamavam atenção por onde passavam, com um rebolado exagerado, tremidas muito rápidas, coreografias bem elaboradas e difíceis de acompanhar. Edson Patrício<sup>17</sup>, um dos primeiros dançarinos do Só Cintura, trouxe sua contribuição sobre esse período lembrando que nos clubes e festas se destacavam pois dificilmente via-se homens dançando e rebolando. David Jonas<sup>18</sup>, também dançarino do grupo, diz que eram todos de origem humilde e saíam a pé dos seus bairros “do outro lado da cidade” segundo ele, para estudar a swingueira com o professor Júnior nos ensaios que eram realizados no terraço de sua casa no bairro de mangabeira.

---

<sup>15</sup> O Grupo de Danças Folclóricas do Serviço Social do Comércio da Paraíba (SESC) iniciou no ano de 1970, na cidade de João Pessoa, atualmente possui 45 participantes voluntários.

<sup>16</sup> Pessoense que possui grande prestígio no movimento swingueira de João Pessoa, por ser precursor da dança na cidade. Professor e dançarino de dança de salão e ritmos, criou um grupo chamado Só Cintura. Trabalha com a marca até os dias atuais.

<sup>17</sup> Pessoense, professor de dança de salão e um dos primeiros dançarinos do Júnior Só Cintura, ajudou a construir a história do grupo e ainda hoje é professor de swingueira e ritmos em academias de João Pessoa.

<sup>18</sup> Um dos últimos dançarinos do grupo Só Cintura, David já era professor de dança de salão antes de participar do grupo e hoje ainda é professor de swingueira e outros ritmos em academias com sua própria marca FestRit em sociedade com outros colegas do grupo Só Cintura.

O Só Cintura bebeu da fonte ao viajar para a Bahia. Adquiriram experiência, aprenderam mais sobre a swingueira com os dançarinos da periferia de Salvador e trouxeram seus conhecimentos para João Pessoa.

Participavam de muitos eventos na cidade, programas de televisão, concursos de dança e lecionavam em muitas associações de bairro, academias de musculação e escolas de dança. Ganharam muitos fãs dentro do movimento. A maioria dos grupos de dança que se formaram posteriormente tinham o Só Cintura como referência. Todos os professores que sucederam a Júnior têm muito respeito por seu trabalho e sentem orgulho de contar a história do seu grupo para as novas gerações que foram se unindo ao movimento swingueira e assim os professores continuam mantendo essa tradição até os dias atuais.

O grupo de dança Só Cintura hoje em João Pessoa não está ativo, mas Júnior ainda é professor e possui um estúdio de dança em Aracaju – SE: o Studio de Dança Júnior Só Cintura, com várias modalidades de dança, incluindo a swingueira. A maioria dos seus dançarinos ainda vivem em João Pessoa, alguns mudaram seus caminhos profissionais, mas a maioria dos componentes se preocuparam em ter uma formação acadêmica, se graduando em educação física e vivem da dança sendo professores de ritmos em academias.

Tiago Silva<sup>19</sup>, mais conhecido como Tiago Negão, é professor da Swing Dance, uma das companhias mais antigas e respeitadas do movimento, comenta em uma entrevista a esta pesquisa, que no período do auge do Só Cintura, começaram a surgir novos grupos como o “Só na Malícia, Space Dance, Rekebra Dance” e outros que até hoje estão ativos<sup>20</sup>: Swing Dance, Gingado Manhoso, Parangolé, Os Bambas e Ki’swing. Tiago ainda completa sua fala dizendo que “depois de um certo tempo já era impossível contar quantos grupos de swingueira existiam na cidade”. De início, todos eles começaram seguindo o mesmo padrão de movimentos aprendidos com o Só Cintura e aos poucos foram criando sua própria forma de fazer sua dança, mas sempre recordando do pioneiro com muito respeito.

É importante destacar que estes grupos não se limitavam a praticar a swingueira. Nos anos 2000, na maioria deles eram trabalhados outros estilos como pagode, forró e outras danças a dois, pois muitos dos professores de swingueira já tinham experiência da dança de salão e não existia uma divisão concreta entre os gêneros musicais, então os grupos exploravam muitas músicas que faziam sucesso além da swingueira.

---

<sup>19</sup> Tiago Silva é popularmente conhecido com Negão pelas pessoas que fazem parte do movimento em João Pessoa, ele é professor de swingueira desde o início da cultura na cidade e seu grupo é bastante reconhecido por todos. Sua criatividade para criar coreografias complexas e improvisar na swingueira é seu diferencial.

<sup>20</sup> Estes são alguns dos grupos de swingueira que deram início ao movimento de João pessoa. Possuem entre 5 a 10 componentes na maioria homens, sempre em rotatividade, mas seus professores são os mesmo desde a fundação destes.

Tiago Silva, ainda na entrevista, contou um pouco da história da Swing Dance e ressaltou que também dançavam outros estilos de dança no início do seu grupo:

A Swing Dance iniciou na escola dançando as coreografias da Banda Molejão, como a dança da vassoura, da banana, essas coisas... Que foram sucessos bem anteriores aos do Harmonia do samba. Eu acredito que até ainda hoje as pessoas começam a formar grupos por causa das apresentações de datas comemorativas e festivais que acontecem dentro da escola. E foi desse jeito que surgiu meu interesse na dança. Daí a diretora proibiu a dança na escola e eu levei o pessoal que fazia parte desse grupo para ensaiar no quintal da casa do meu pai, depois quando fui morar sozinho levei os ensaios para minha casa já usando as fitas do Harmonia do Samba e assim a Swing Dance foi crescendo aos poucos.

Percebemos que o início de diversos grupos tem relação com a socialização de amigos em festas ou em brincadeiras de rua ou com o incentivo, mesmo que involuntário, da escola. Assim como Tiago narrou sua história, outros tantos grupos surgiram da mesma forma, entre amigos dançando em escolas da periferia de João Pessoa, em bairros como: Mangabeira, Valentina, Rangel, Ernani Sátiro, Bairro da Indústrias, Funcionários I e II e Cruz das Armas (este último sendo o bairro de Tiago Silva). Raras foram as vezes, ou até nenhuma, que se encontrou relato de grupos de swingueira criados por dançarinos de renomadas escolas de dança ou por pessoas de classes mais elevadas da sociedade.

Os músicos de swingueira em João Pessoa não podem deixar de ser mencionados, também ganharam espaço no movimento, pois o gênero musical estava em seu auge e a cidade estava precisando ter sua própria música. Então paralelamente aos grupos de dança começaram a surgir diversas bandas paraibanas: Só Pressão do Brasil, A3, Lokomotiva, Ufuska, Abala, Banda Geração, entre outras. A participação destas contribuiu para o crescimento das festas, shows e festivais de swingueira no período de 2000 a 2015.

E então o gênero musical começou a ganhar força, pois eram músicos, dançarinos e amantes da dança unidos a favor dessa nova cultura surgida nas periferias do nordeste.

Houve um período que o sucesso da swingueira já estava em um nível tão elevado que as festas, shows, aulas de dança, festivais e outros eventos eram constantes todo final de semana. Os concursos de dança também não paravam e em quase todo bairro de João Pessoa, existia uma sede de grupo ensaiando suas coreografias, se preparando para estes eventos tão esperados. A produção das músicas de swingueira estava acelerada, sempre surgia um novo sucesso, aumentando ainda mais a popularidade do gênero musical e atraindo mais admiradores para os diversos eventos.

Todos esses encontros aconteciam em locais já conhecidos pelo movimento: ginásios, praças e clubes na periferia e no centro da cidade. Estavam sempre lotados, pois era o momento de reunir todos os amantes da dança, os dançarinos dos vários grupos, os músicos que muitas vezes também dançavam etc. Não se viam brigas (mesmo algumas vezes sendo competições), não era necessário segurança, todos se conheciam, só estavam lá por um motivo, a dança. Quase sempre eram eventos beneficentes, a entrada era 1 quilo de alimento com uma taxa simbólica de 5 a 10 reais, para as despesas do evento, como pagar o aluguel do local por exemplo. Raras foram as vezes que os encontros tinham fins lucrativos, sempre foi pelo amor ao movimento.

Figura 1. Aulão de carnaval da Swing Dance



Flyer digital de um dos aulões promovidos pela companhia Swing Dance no ano de 2015.

(Disponível em:

<<https://www.facebook.com/photo.php?fbid=610269672439310&set=t.100001591853036&type=3&theater>>. Acesso em: 26 jul. 2019).

Figura 2. Encontro de Academias de Dança



Flyer digital de um dos concursos de swingueira no ano de 2014. (Disponível em: <<https://www.facebook.com/photo.php?fbid=382888065196673&set=t.100001591853036&type=3&theater>>. Acesso em: 26 jul. 2019).

Podemos dizer que o movimento dos grupos de swingueira em João Pessoa teve a primeira fase que se deu no ano de 1999 com o surgimento dos primeiros grupos e a segunda fase que iniciou a partir de 2010, nascendo nesta, uma nova geração de dançarinos nos grupos já existentes e também criando-se novos grupos, modificando alguns elementos da dança e da música. No primeiro momento, a swingueira tinha instrumentos e melodia mais próximos ao samba de roda, agora o som tornou-se eletrônico, além disso os movimentos que eram concentrados no quadril e nos pés, passaram a dar mais ênfase aos membros superiores com passos mais violentos simulando movimentos de luta.

E assim na segunda fase da swingueira surgiram muitos grupos, como por exemplo: Art Swing, Harmonia do Swing, Kebrart, Remelexo, D 'Kebrada e outros da região metropolitana de João Pessoa também passaram a participar ativamente do movimento da cidade, grupos de Santa Rita e Bayeux, como o Swingando o Corpo Todo (SCP), Explosão do Swing, Conexão da Kebrada e Swinguetto.

Aos poucos estes grupos foram transformando os costumes dentro da swingueira, explorando melhor os temas e figurinos, trazendo referência de outros estilos e participando de eventos variados de dança na cidade ampliando as possibilidades de conhecimento, fora a swingueira. Começaram a se inscrever para outros eventos culturais e exploraram outros locais para realizar os aulões e concursos, como os teatros da cidade. Alguns órgãos passaram a dar incentivo, como o SESC e a FUNESC, organizando eventos para o movimento swingueira, conhecido por eles como grupos de bairro. Em alguns casos este apoio durou pouco tempo ao começar a usarem os grupos de bairro para atrair plateia para seus espetáculos de companhias convidadas. Uma problemática que se tornou frequente para o movimento de João Pessoa.

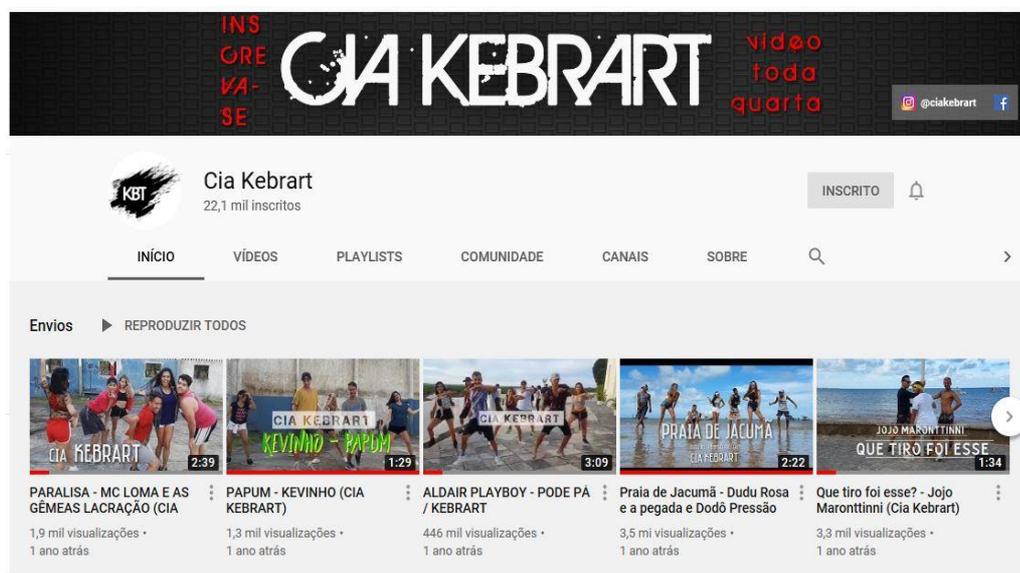
Ainda sobre a segunda fase, também pôde ser observado um grande crescimento do conhecimento da população em geral sobre a existência desse movimento, com a multiplicação dos dispositivos comunicacionais e das redes de informação. Estava cada vez mais fácil divulgar eventos, apresentações e shows. Também aumentou o contato com o movimento em outras regiões, tornou-se mais fácil viajar para participar dos concursos de swingueira fora da cidade.

Com essa nova era da internet em mãos, através do celular, podemos dizer que atualmente entramos na 3ª fase do movimento. Muitos grupos passaram a utilizar a tecnologia como ferramenta para gravar vídeos com suas coreografias e ensinar passos de swingueira. A Cia de dança Kebrart<sup>21</sup> foi uma das pioneiras nesta nova fase que já começou há alguns anos com a ideia de criar um canal no YouTube com vídeos dançando as músicas de sucesso com coreografias elaboradas em diversos espaços da cidade, seu primeiro vídeo foi lançado em 2015 no centro histórico de João Pessoa

---

<sup>21</sup> Grupo nascido no ano de 2009, no bairro dos bancários, comandado pelos fundador e diretor Welton Delfino e Tatiana Domingos.

Figura 3. Canal da Cia de dança Kebrart



*Print* da página principal da conta da Cia de dança Kebrart no YouTube. (Disponível em: <<https://www.youtube.com/channel/UCYrrDsf-FSyY8KyI9C37Fsw>>. Acesso em: 28 jul. 2019).

O surgimento da Fitdance, ajudou ao crescimento desse momento. Empresa, surgida na Bahia, que uniu dançarinos de vários ritmos, principalmente da swingueira, com objetivo de disponibilizar para todo o Brasil, por meio digital, coreografias simples de todos os gêneros possíveis.

Esse é o principal objetivo, levar felicidade em todos os momentos da vida das pessoas, seja em casa, no trabalho, no celular, em reuniões com os amigos, nas academias ou nas festas. Utilizando uma proposta inclusiva, a FitDance trabalha com movimentos coreográficos modernos pensados de forma didática, proporcionando o aprendizado e a evolução do praticante. Contemplando todos os estilos musicais, a FitDance cresce com instrutores e fãs por todo Brasil e pelo mundo. Disponível em: <<https://www.fitdance.com/sobre>>. Acesso em: 21 set. 2019

Mas a Fitdance<sup>22</sup> também foi prejudicial para o movimento swingueira em João Pessoa. Ela ofereceu aos dançarinos e amantes da dança a possibilidade se tornarem “instrutores de dança em academias” sem nenhum pré-requisito, banalizando a profissão. Muitos dos participantes da swingueira se sentiram atraídos pela marca e abandonaram o

<sup>22</sup> Empresa baiana de dança. Ela forma instrutores em todo o Brasil para levar as coreografias da empresa até as academias de dança. Em João Pessoa ela também tem representantes.

antigo movimento e todo seu processo natural do conhecimento em dança por uma vaga no curso de dois dias da Fitdance.

Hoje a swingueira está começando a perder forças pelas mudanças culturais que a sociedade traz ao longo do tempo, em relação as preferências musicais das novas gerações e a facilidade que a tecnologia promove ao disponibilizar coreografias simples que podem ser acessadas no conforto de sua casa. E isso vem a ser a problemática desta pesquisa e dos dias atuais.

Estamos na era de jovens acomodados, que tem tudo nas mãos, até mesmo a dança. Basta ter um celular com aplicativos de redes sociais e YouTube para conhecer novos movimentos sem precisar levantar do sofá. Esta realidade da nova geração impede as oportunidades de conhecerem melhor seu corpo, de experimentar a infinita possibilidade de movimentos e de realmente sentir a dança. Em se tratando da swingueira, não conseguem adquirir a resistência e o improviso que a dança exige. Só assistindo e imitando os vídeos, se torna impossível acompanhar a dança. Neste momento entra o papel da dança na escola, ampliando as oportunidades dos jovens explorarem o corpo na swingueira de diferentes formas.

Quanto aos antigos e demais dançarinos do movimento, assistem essas mudanças com esperança de poder mudar esta realidade, continuam lutando e incentivando a prática desta dança para garantir que a cultura da periferia não acabe no esquecimento, pois ela tem muito a oferecer e é símbolo de resistência das classes mais desvalorizadas.

### **2.3 Minha trajetória com a dança e a swingueira**

Para maior entendimento do porquê desta pesquisa, é necessário conhecer um pouco da minha história, das minhas experiências e como a dança se inseriu nas diferentes etapas da minha vida. Música e dança sempre me acompanharam em cada momento desde criança até hoje, muitas vezes foram essenciais para definir a pessoa que me tornei.

O forró foi um dos primeiros gêneros musicais que conheci através da minha família. Nascida nos anos 90 não pude deixar de gostar do auge do momento que era o grupo É o Tchan e assim foi o meu primeiro contato com a swingueira.

Cresci dançando nas festas de família e na escola. Estava sempre a frente na organização das apresentações que me envolvia dentro e fora da escola.

No ensino médio, comecei a estudar na Escola Cenecista João Régis de Amorim (CNEC)<sup>23</sup>, esta foi a escola que me ajudou a definir minhas escolhas. Foi nela que conheci as danças populares, pois comecei a dançar no grupo folclórico de danças populares da escola, o Grupo de Cultura Popular Nossa Terra<sup>24</sup>. Dançávamos coco de roda, bumba-meu-boi, samba, danças de salão regionais (quadrilha, xote e baião) e xaxado. Particpei 3 anos do grupo (mesmo período que cursei o ensino médio no CNEC), adquiri muito conhecimento sobre as danças populares, conheci pessoas com muita experiência que se tornaram referência no meu aprendizado.

Figura 4. Grupo de Cultura Popular Nossa Terra



Apresentação da coreografia do baião em um evento fechado em João Pessoa. Acervo pessoal (2009).

A partir da minha saída do grupo Nossa Terra, aos 15 anos, meus olhos começaram a se abrir para o mundo da dança, vi o quanto era rico de conhecimento, o quanto meu corpo precisava de mais dessa fonte, vi que não precisava estar presa em apenas um estilo, percebi que existia uma infinidade de danças que poderia conhecer e minha sede de aprender diferentes formas de se dançar começou a aumentar. Passei a fazer diversas oficinas e workshops de dança que eram oferecidas na cidade: no SESC, na FUNESC, no Teatro Santa

---

<sup>23</sup> Rede de escolas existente em todo o território nacional. Em João Pessoa, ela possui duas unidades, onde a mais antiga esta localizada no bairro do Geisel.

<sup>24</sup> Fundado em 23 de março de 1994, pertence à Escola Cenecista João Régis Amorim. Disponível em: <<https://gnossaterra.wordpress.com/>>. Acesso em: 07 mar. 2020.

Rosa, entre outros locais. Eram poucas horas de aprendizado, mas que para mim era tempo mais que necessário para estimular minha paixão pela dança.

Estudei um pouco de break dance, dança do ventre, dança tribal, dança de salão, dança afro, stiletto, entre outras, mas nunca deixei de lado as danças populares e o forró.

Passei a dançar em quadrilhas juninas profissionais de João Pessoa e participo das temporadas de apresentações nos períodos juninos até hoje, atualmente danço na Quadrilha Junina Fazenda Lampião, umas das mais tradicionais e antigas da cidade.

Paralelo a estes estudos, no meu bairro, em 2008, conheci o grupo de dança Tropical<sup>25</sup>, formado por 10 a 12 adolescentes, na maioria homens, que dedicavam suas horas vagas se reunindo para curtir e criar coreografias de swingueira.

Passei a participar do grupo e a partir dele conheci o movimento swingueira de João Pessoa. Não sabia quanta força este tinha na minha cidade e em muitas outras do Nordeste, como Natal, Fortaleza e Recife.

Me apaixonei por esse mundo, pela energia que sentia vindo de todos os grupos de dança. Os encontros, festivais, concurso de dança dentro da swingueira sempre foram muito badalados e eu sempre gostei de observar essa manifestação, a técnica corporal de cada grupo, as particularidades de movimentos em cada pessoa, quais diferenças e limitações dos grupos, admirava o jeito que as mulheres dançavam esse estilo (mesmo sendo em minoria), com movimentos fortes, rápidos, explorando sempre as batidas da música e com muita energia.

O semblante de todos os participantes era de muito amor por aquilo que estavam fazendo. Eram crianças, adolescentes e adultos, todos misturados. Os momentos de ensaios, encontros e concursos duravam horas e apesar de ser uma dança com muito esforço físico, não se via ninguém cansado. E a cada música se começava a toca, era uma vibração diferente vindo destas pessoas. Senti que aquele era meu lugar. Lugar de gente humilde, que muitas vezes não tinha uma boa formação acadêmica, mas que tinha um domínio incrível de movimentos, que transbordava energia e amor por uma dança que mesmo sendo criticada pela sensualidade e malícia, representava a força de um povo desvalorizado na sociedade por ser pobre e de origem negra.

Percebi que esta dança, mais do que as outras que já tinha experimentado, agia no meu corpo de uma forma mais perceptível, por ser muito acelerada me ajudava a ser mais rápida e raciocinar melhor no meu cotidiano, estava mais desinibida, além de melhorar minha saúde, passei a ter muito mais energia e perdi alguns quilos.

---

<sup>25</sup> Grupo de swingueira nascido no bairro Costa e Silva, comandado pelos professores Lucivaldo Oliveira e Jackson Silva.

De agora em diante meu corpo já estava com características de uma dançarina de swingueira, já tinha habilidade de realizar os movimentos considerados mais desafiadores, minha facilidade de memorizar passos, coreografar e improvisar ao som da batida me favoreceu a começar a ministrar aulas de swingueira em oficinas e pequenas turmas nos bairros próximos da minha casa. Fui uma das poucas mulheres a se tornar professora de swingueira e outros gêneros musicais relacionados (axé, funk, brega funk, batidão, etc) dentro do movimento swingueira na cidade.

A partir de 2010 me tornei dançarina da Cia de dança Kebrart, um novo grupo de swingueira do bairro dos Bancários. Foi o início de uma grande fase da minha vida, arrisco até dizer que muito do que sou hoje devo a esta companhia.

Com o surgimento desse novo grupo muitos participantes da swingueira de João Pessoa começaram a criticá-lo por trazer uma nova forma de dançar aquele estilo, misturando passos de outras danças e trazendo temas elaborados, muitas vezes polêmicos, em suas apresentações, o que antes não existia. E foi exatamente esse diferencial que me fez querer agregar meus conhecimentos ao grupo. Todo ano era criado um projeto de apresentação, figurinos diferentes e a rotina dos ensaios sempre inovava com a presença de profissionais das diversas linguagens artísticas (dança, teatro, circo e música) convidados para auxiliar nos projetos com ideias e oficinas para agregar mais conhecimento aos dançarinos.

Apesar de começar a participar do grupo apenas como dançarina, à medida que os anos foram passando fui me envolvendo cada vez mais até me tornar uma das professoras juntamente com o fundador da companhia, Welton Delfino<sup>26</sup>. Foram 9 anos de muito aprendizado, aperfeiçoei minha forma de ministrar aulas de swingueira e outros ritmos, o nível das minhas coreografias aumentou e aprendi como ser uma boa produtora e diretora em dança: como utilizar programas para criar músicas remixadas, edição de vídeo, o que se precisa para criar festivais e aulões, etc. Muitas oportunidades de emprego surgiram, eventos importantes, viagens para outros estados, grandes premiações em concursos dentro e fora da cidade.

A Cia de dança Kebrart se tornou minha maior responsabilidade, estava sempre estudando para melhorar cada vez mais meus dançarinos e os projetos que criávamos. Tornei-me uma pessoa cada vez mais dinâmica, criativa, extrovertida, minha mente nunca descansava, estava sempre me atualizando nas novidades da dança em geral e na swingueira principalmente. Os temas escolhidos para montar os espetáculos eram estudados com muito

---

<sup>26</sup> Fundador, diretor e professor do grupo. Hoje é formado em Educação Física e atua como personal trainer e professor de ritmos em academias de João Pessoa.

cuidado, evitando a vulgaridade, retirando letras de baixo escalão das músicas, sempre ressaltando a luta da classe pobre, criticando o racismo e valorizando a história da swingueira.

Figura 5. Festival de Dança da Estação Cabo Branco



Cia de dança Kebrart no festival de dança da Estação Cabo Branco em comemoração ao dia da dança, 29 de abril. Imagem disponibilizada pelo próprio evento (2017).

Enfim, em 2015 comecei a cursar Licenciatura em Dança pela UFPB. O curso foi muito importante para minha trajetória com a dança, pois me trouxe uma visão mais aprofundada do meu corpo, do movimento, das sensações, da relação com as pessoas ao meu redor e da importância que a dança tem para uma sociedade melhor. Através desses conhecimentos adquiridos, meu desejo de utilizar a swingueira para auxiliar na aprendizagem de crianças e adolescentes começou a florir. E foi na universidade que passei a conhecer a chamada dança na escola.

O curso também influenciou bastante na minha forma de trabalhar com a Kebrart, agora dançávamos swingueira de uma forma ainda mais criativa, com aulas mais dinâmicas e com um olhar mais cuidadoso para nosso corpo.

Atualmente estou finalizando esta fase universitária, já ministro aulas de dança na escola, continuo como professora de ritmos em academias, no entanto a Kebrart está em momento de recesso e agora meu objetivo principal é levar minha dança para as escolas, trabalhando o preconceito e outros temas polêmicos existentes no movimento swingueira, mostrando enfim a força que ela tem de transformar a vida dos jovens auxiliando no incentivo ao conhecimento dentro das escolas em João Pessoa.

### 3 TRANÇANDO RELAÇÕES ENTRE DANÇA, EDUCAÇÃO E A SWINGUEIRA

De acordo com a Base Nacional Curricular Comum (BNCC), artes é um componente curricular obrigatório na educação básica. O acesso a arte desde os anos iniciais, através das diversas linguagens artísticas, nos possibilita conhecer e vivenciar melhor a vida. “Arte é conhecimento, cujo direito é universal, arte é o conjunto de saberes que são imprescindíveis para que o cidadão possa entender, experienciar e atuar no mundo.” (MARQUES e BRAZIL, 2014, p. 29)

A dança é uma dessas linguagens artísticas que amplia a percepção dos alunos através do estudo do corpo e dos seus movimentos. De acordo com Tadra (*et. al*, 2009, p. 51), a dança tem o “desafio de criar, comunicar, instigar saberes e construir significados através de seus processos.” Mas isso não significa dizer que o objetivo desta arte dentro do ambiente escolar seja reproduzir passos. Dança na escola vai além das coreografias para as datas comemorativas do calendário escolar, quando levada a sério pelos envolvidos (professor, aluno, pais e toda a equipe escolar) ela se torna conhecimento. Ainda segundo Tadra (*et. al*, 2009, p. 52) sobre dança e educação, é preciso existir “ideias de reflexão, criatividade e autonomia, para que os alunos possam apreender conteúdos de maneira contínua, correlata e crítica.”

É um grande desafio aos profissionais da área disseminar o entendimento da dança enquanto área de conhecimento e linguagem artística na escola. A presente pesquisa percorre por este caminho e se torna um desafio maior ainda por abordar as danças da cultura de massa, principalmente a swingueira. Por isso é importante que os professores, não só deste estilo, mas de qualquer área da dança, invistam em uma boa formação superior, que lhe permitam ter a garantia e a segurança do conhecimento necessário. Onde possam vivenciar a experiência em sala de aula, analisando erros e acertos e assim encontrem o melhor caminho para se tornar um profissional qualificado.

Na minha graduação, pude desfrutar de todas as etapas, desde as primeiras disciplinas teóricas até os estágios finais e projetos de pesquisa, incluindo o Programa Residência Pedagógica, onde coloquei em prática esta pesquisa. Todos estes momentos me fizeram observar minha didática de aula, minhas falhas como professora, ofereceram-me oportunidade de crescer como profissional e enxerguei um leque de possibilidades de metodologias de ensino a serem trabalhadas dentro da escola.

### 3.1 As contribuições do Curso de Licenciatura em Dança da UFPB

Em geral, na cidade de João Pessoa, a consciência de possuir uma formação acadêmica entre os professores e amantes da swingueira, já é bastante significativa. Mas a maioria dessas pessoas procuram apenas os cursos de Educação Física para se tornar profissionais da dança. Levando em conta que existe apenas um semestre de estudo sobre o ensino da dança no curso da Educação Física, torna-se escassa a bagagem do estudante que deseja seguir profissionalmente na área.

Cursos superiores de licenciatura em dança são eficientes na preparação da formação como professor. A UFPB, campus I, em João Pessoa oferece esta graduação, como área de conhecimento, em 8 semestres. A necessidade de trazer um item específico sobre o curso de Licenciatura em Dança da UFPB, tem relação com a grande contribuição e incentivo que este me ofereceu para que eu pudesse desenvolver esta pesquisa, que não considero apenas uma atividade final de curso, mas a oportunidade de trabalhar com a minha arte dentro do ensino formal.

Apesar das diferentes experiências com a dança que vivenciei e vivencio, foi através deste curso que ampliei minha visão sobre a swingueira e as diversas maneiras de abordá-la no processo de ensino e aprendizagem em aulas dentro e fora do âmbito escolar.

Esta graduação em dança é recente, sua primeira turma iniciou em 2013 e desde então vem buscando crescimento na qualidade de ensino. Ela oferece aos praticantes da dança de João Pessoa a oportunidade de se qualificarem no mercado de trabalho e ampliarem seus conhecimentos, além de proporcionar formação as pessoas que desejam ser tornarem profissionais. De acordo com o Projeto Pedagógico de Curso de Dança (PPC) (2018, p.19):

Os egressos do Curso de Licenciatura em Dança estarão capacitados a atuar como professores de dança numa perspectiva interdisciplinar, plural e respeitosa à integridade física e psicológica dos seus alunos. Serão capazes de integrar teoria e prática a partir de uma reflexão ética e crítica do papel social e artístico das diversas práticas de dança.

Ele apresenta um completo quadro de componentes curriculares, formado por conteúdos dos tipos: básicos, profissionais, de formação pedagógica, complementares e, com destaque, os estágios. Todos eles foram essenciais para traçar os caminhos desta pesquisa.

À medida que vivenciei cada uma das disciplinas, procurei sempre relacionar determinado conteúdo com a minha experiência pessoal de dança, pois o curso permite explorar o conhecimento na nossa visão individual de mundo. O PPC (2018, p. 31), explica

que o processo de ensino aprendizagem se baseia na exploração da criatividade na dança, ao propor a capacitação dos futuros professores pela experimentação e criação pelo estudo do movimento, desenvolvendo atividades lúdicas e artísticas, sem se prender a um estilo de dança.

Ao analisar um dos objetivos específicos presentes no PPC do curso (2018, p. 19), que consta em “oportunizar o aprendizado dos conteúdos, metodologias e procedimentos criativos da dança educativa moderna e de danças populares”, posso utilizar como exemplo minha experiência pessoal na disciplina Metodologia do Ensino da Dança, ofertada no 4º período. Nesta, estudei textos que tratam da dança e da educação e serviram de subsídio para que, ainda na disciplina, eu pudesse pôr em prática minhas experiências como professora de dança, acrescentando formas criativas de trabalhar meus conteúdos com a intenção dos meus colegas de turma experimentarem estas outras possibilidades de vivenciar minha dança.

Para esta atividade, criei o plano de aula voltado, hipoteticamente, para uma turma de adolescentes e o tema explorado foi “quadril”. Escolhi músicas de swingueira que os alunos já tinham conhecimento e pedi que movessem o quadril de diversas formas, em movimentos circulares horizontais e verticais, rebolando no eixo do corpo e fora dele, entre outras maneiras de explorar o quadril, as quais indiquei, para que eles percebessem as possibilidades de movimentos.

Este foi apenas um dos exemplos de experiência criativa que pude investigar durante o curso. Outras disciplinas, estágios e projetos, também foram indispensáveis para a construção das propostas metodológicas das minhas aulas.

Os procedimentos e abordagens estudadas de cada pesquisador da dança agregaram à minha prática da swingueira. Estudiosos<sup>27</sup> como Rudolf Laban e sua Teoria do Movimento, Angel Vianna e a preocupação com o corpo e seus jogos corporais e Isabel Marques e seu foco na dança e educação, têm participação fundamental na minha formação e na elaboração dos planos de aula desta pesquisa, assim como Paulo Freire, José Carlos Libâneo e David Ausubel, através dos estudos da educação.

Uma observação importante durante esses semestres, foi meu crescimento pessoal através das discussões e reflexões em cada disciplina. No curso, existe uma preocupação muito forte com a saúde mental do ser humano. A cada atividade, passei por um momento de expressar minha opinião e dizer o que senti sobre aquela experiência. Percebi o cuidado e o respeito com o próximo, assim como aprendi muito sobre relativizar e ter mais empatia. Os

---

<sup>27</sup> Estes são alguns dos autores, estudiosos da dança e da educação, os quais me baseio para defender esta pesquisa e me acompanham em diversos de seus escritos durante toda minha graduação em dança.

diários de bordo, ferramenta didática de muitas disciplinas, contribuíram significativamente nestes momentos, pois comecei a expressar melhor meus sentimentos e sensações, como também, nele, anotei todas as atividades que considerei interessantes para utilizar em minhas aulas posteriormente. E ainda compreendi que nem sempre as aulas planejadas sairão como desejamos, mas mesmo assim temos que tirar uma lição positiva disso.

Desta forma, o conhecimento subjetivo também esteve presente no desenvolvimento das minhas aulas nesta pesquisa. E são estes diversos aprendizados que eu desejo apresentar aos meus alunos.

### **3.2 Qual a relação da swingueira com a educação?**

Defender a dança na escola não é tarefa fácil, pois mesmo estando presente nos Parâmetros Curriculares Nacionais (PCN's) ainda existe uma resistência muito grande na aceitação da dança como área de conhecimento, afinal ela sempre foi relacionada apenas a “dancinha de dia das mães, São João, Natal...”<sup>28</sup>

Nesse contexto, inserir danças da cultura dos próprios alunos, se torna, muitas vezes, inadmissível. Como foi o caso do professor de swingueira, Tiago, citado no tópico 2.2 do capítulo anterior. Ele relata que foi proibido dançar com seus amigos dentro da escola. Não eram quaisquer danças, eram danças do repertório jovem da década de 90, axé e pagode baiano. Possivelmente a direção acreditou estar tomando uma atitude correta, afinal prevalece o pensamento de que a educação brasileira preza, em sua maioria, pela moral e bons costumes, dentro dos quais a cultura jovem não se enquadra. Mas na verdade “as instituições escolares em geral mostram-se apavoradas diante dos desafios trazidos pelas danças/ arte dos jovens” (MARQUES, 2012, p. 164) e não percebem que naquele momento foi desperdiçada a chance de um aprendizado mútuo entre aluno e professor, pois a escola é um dos principais meios de interação e troca cultural. Como Martins (2005, p. 53) cita, “ela aparece como um espaço privilegiado de práticas coletivas, sociabilidades, representações, símbolos e rituais que os jovens buscam para demarcar uma identidade”.

A escola é um dos locais que estes jovens frequentam constantemente e precisam desse espaço para se expressarem e se reconhecerem como cidadãos. Mas também é neste mesmo espaço que mais encontram barreiras para viver sua cultura. Dentro da escola, o jovem

---

<sup>28</sup> Tornou-se hábito, na maioria das escolas, relacionar o professor de dança apenas a criação de coreografias para as datas comemorativas do calendário escolar, situação que vai de encontro a verdadeira competência na qual o profissional se dedicou em sua formação acadêmica.

deve esquecer quem é lá fora e adquirir novos conhecimentos que muitas vezes não desperta o interesse por não fazer parte da sua realidade. Quando na verdade, os processos pedagógicos também devem ser trabalhados através do conhecimento de mundo trazido pelo aluno, como já apontava Paulo Freire (1963) e seu método de alfabetização.

A dança tem um importante papel de trabalhar a identidade do ser humano, pois ela permite a livre expressão e a escola precisa desta para tornar seus alunos melhores cidadãos. Marques (2012, p. 27), explica que a dança não serve apenas de auxílio para se expressar ou relaxar como muitos acreditam, mas sua principal contribuição é a construção de seres criadores e pensantes. A dança nos permite ver o mundo e a nós mesmos de forma crítica. Novamente Marques (2012, p. 168), em seu livro dançando na escola, traz sua contribuição:

[...] as danças das mídias trazem nelas mesmas (no corpo, nas coreografias, nas escolhas das músicas e dos figurinos) conceitos que precisam ser discutidos e articulados verbal e corporalmente se pretendemos a transformação crítica através de práticas pedagógicas de dança na escola.

A swingueira, objeto desta pesquisa, se enquadra nesse objetivo de transformação, não apenas nos alunos, mas da forma geral como a dança dentro da escola é vista pela sociedade.

Para defender este pensamento, precisei refletir em como trazer esta abordagem. A primeira reflexão surgiu a partir da minha experiência nos estágios da graduação: como conseguir atrair a atenção dos jovens que não se importam com o aprendizado?

A segunda reflexão veio depois que desejei trabalhar minhas danças dentro da escola e creio que essa seja uma das questões mais difíceis: como provar aos docentes, equipe escolar e a sociedade em geral que danças da cultura de massa na escola não é apenas mera diversão, que a partir desse estudo pode-se gerar conhecimento?

E então a última reflexão, a qual foi norteadora dos objetivos, de todo o processo teórico-prático e se transformou nesta pesquisa, ajudou a responder as questões anteriores: quais as formas, táticas e procedimentos metodológicos abordando a swingueira, serão utilizados para se alcançar o interesse pelo estudo e o conhecimento no aluno?

Estes questionamentos me acompanharam na hora da elaboração dos planos de aula, onde escolhi cautelosamente quais temáticas seriam abordadas e quais atividades utilizaria.

A proposta aqui apresentada se baseiou na educação por meio das danças da cultura de massa, explorando temas transversais, pertencentes aos Parâmetros Curriculares Nacionais e os próprios conteúdos da área de conhecimento da dança. Esta ideia pode presumir o ensino da técnica dos passos e coreografias praticados pela swingueira e outras danças midiáticas,

mas não foi esse o caminho que desejei percorrer, afinal esta é a cultura que eles já conhecem. Reproduzir os movimentos não é uma novidade e não irá ajudar a resolver meus questionamentos desta pesquisa.

Vicente (2015, p. 52) traz sua contribuição exemplificando com diferentes formas de como as danças podem ser exploradas em aula: “O aprendizado da dança pode estar também na transformação dos movimentos, no estudo de diferentes dinâmicas possíveis e também de sua realização com diferentes intenções e emoções.”

A partir dessa ideia, o intuito foi se basear na teoria da aprendizagem significativa de David Ausubel. Onde de acordo com Moreira (1999, p. 153), “a aprendizagem significativa ocorre quando a nova informação ancora-se em conceitos ou proposições relevantes, preexistentes na estrutura cognitiva do aprendiz”. Ou seja, considera-se que os jovens já têm o conhecimento prévio e seus corpos são familiarizados com essa dança, no entanto agora somado a novos estudos advindos da escola.

Coloquei-me o desafio de aliar a swingueira aos procedimentos metodológicos desenvolvidos através da teoria do movimento, com os fatores e suas ações estabelecidas por Rudolf Laban, pois de acordo com Rengel (2003, p. 13) seu método “aponta possibilidades múltiplas do movimento no processo educativo, oferecendo uma movimentação menos restrita, mais criativa e de acordo com o desenvolvimento global da pessoa, seja ela criança, adolescente, jovem e mesmo adulto.” Além dessa abordagem também me embasei nos estudos do casal de pesquisadores e professores de dança, Klauss Vianna e Angel Vianna, pelo trabalho com os jogos corporais e o reconhecimento do próprio corpo (sistema ósseo, articular e muscular) por meio de uma perspectiva somática. Segundo Katz (2009, p.31), eles “priorizam o sujeito, no sentido de que cabe a cada um de nós empreender a aventura de descobrir os saberes do seu corpo.” As práticas corporais desenvolvidas por Angel Vianna trazem objetivos que considero importantes. Ela cita-os em entrevista ao Jornal O Estado:

[...]despertar a sensibilidade corporal; a integração corpo e mente; desenvolver a imaginação e criatividade; liberar os afetos desenvolvendo o autocontrole a partir do conhecimento do corpo; despertar a concentração e a capacidade de comunicar-se; fortalecer a individualidade, desenvolvendo a capacidade de ver, criticar, mostrar-se e ser criticado, transformar e ser transformado.

Enfim, me sustentei na grande contribuição de Isabel Marques (2012) para esta pesquisa, por propor diversos questionamentos em seus discursos sobre dança e educação, além da preocupação na construção de um bom professor de dança.

A partir do diálogo com estes estudiosos, organizei minha proposta pedagógica com algumas características importantes necessárias para aplicar em sala de aula e uma das principais, foi a realização de aulas sempre práticas, e se possível sem muitas explicações iniciais para que os alunos buscassem perceber o que estava sendo trabalhado e, apenas no final, revelar os objetivos da aula. Uma outra característica presente foi o diálogo com os jovens, estar sempre perguntando como foi o dia, como estava o corpo naquele momento, se recordavam da aula anterior e ao final desta, pedir que comentassem sobre a vivência.

Dependendo da temática da aula, a swingueira foi abordada de formas diferentes. Abaixo apresento alguns exemplos de maneiras que planejei trabalhá-la:

1. Ritmo: fazer uma roda de pessoas em que todos tenham que dizer seus nomes completos por vez, acompanhando o ritmo da música. Neste caso pode-se utilizar músicas ralentadas e depois trocar por outras mais aceleradas, até que se torne um desafio acompanhá-las, as músicas de swingueira possuem essa variedade de tempo que podem ser exploradas;
2. Movimentos específicos da dança: os movimentos podem ser experimentados de maneiras diferentes quando, por exemplo, escolho um passo e peço para que os alunos transformem em outro movimento que tenha a mesma característica ou que unam passos de swingueira que apresentem como característica principal a ação “socar” ao estudarmos os fatores de movimento de Laban;
3. Temas abordados nas canções: esse item é algo que não posso deixar de explorar por ser bastante complexo. São diversos os temas que podem ser trabalhados com os jovens. A swingueira é polêmica por possuir letras de duplo sentido, muitas vezes machistas e ofensivas, nada mais certo do que aproveitar a sala de aula para discutir estes assuntos que vivem diariamente e fazem parte da sociedade atual principalmente entre os jovens. A proposta de fazê-los pensar sobre os temas das músicas e como se reflete na forma de dançar é muito importante para que se posicionem e despertem o senso crítica.

Esses são apenas alguns exemplos da extensa variedade de opções que imaginei explorar a swingueira em sala de aula, de forma confortável para o professor trabalhar e onde a aprendizagem do aluno fosse sendo construída agradavelmente dentro da sua realidade.

Apesar da swingueira ser duramente criticada pela sua qualidade musical e pela falta de conteúdos em suas canções e movimentos, observo que, se aprofundado os estudos sobre

esta cultura é possível perceber um grande e complexo campo de estudo que envolve corpo, movimento, questões sociais, políticas e econômicas importantes de serem trabalhadas no âmbito escolar. No entanto cabe a escola e a sociedade reconhecer o devido valor da cultura para seus alunos.

#### 4 O EXPERIMENTO ATRAVÉS DO PROGRAMA RESIDÊNCIA PEDAGÓGICA

A intervenção pedagógica, parte prática da presente pesquisa, foi realizada através do Programa Residência Pedagógica de Dança da Universidade Federal da Paraíba sob a coordenação do professor Arthur Marques e com a supervisão da preceptora e professora de artes, Ali Cagliani, dentro da escola-campo. O Programa Residência Pedagógica é um programa que “tem por objetivo induzir o aperfeiçoamento da formação prática nos cursos de licenciatura, promovendo a imersão do licenciando na escola de educação básica, a partir da segunda metade de seu curso.” (Disponível em: <<https://www.capes.gov.br/educacao-basica/programa-residencia-pedagogica>> . Acesso em: 30 jan. 2020)

Dentro do programa, os residentes, como são chamados os licenciandos, deveriam apresentar um projeto a ser aplicado na escola para lecionar em suas aulas. A ideia foi juntar-se em grupos e realizar seus projetos em conjunto, regularmente, nas turmas escolhidas. Me dediquei a produzir o projeto “Quebradeira na Escola”, juntamente com outros dois residentes, Amanda Jerônimo e Vandir Souto, que me auxiliaram, na escola, durante todo o percurso desta pesquisa.

Figura 6. Quebradeira na escola



Banner de divulgação do projeto. Disponibilizado pela preceptora Ali Cagliani (2019).

O local destinado às atividades do programa foi a Escola Municipal de Educação Infantil e Ensino Fundamental Antônio Santos Coelho Neto, localizada no Bairro da Penha, popularmente conhecida como escola da Penha, em João Pessoa, no Estado da Paraíba.

A Penha é um bairro tradicional da região periférica da cidade, à beira do mar, localizado entre o Rio do Cabelo e o Riacho de Jacarapé. Sua população total é de aproximadamente 772 habitantes, segundo dados do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE) pelo Censo (2010 *apud* PPP, 2016, p.19). Seus moradores em sua maioria são de baixa renda e existe um considerável nível de analfabetos e analfabetos funcionais.

Mas o bairro também tem uma rica cultura local de artesãos e pescadores. Ainda segundo o PPP da escola:

Um aspecto muito marcante e que caracteriza esta comunidade diz respeito à questão cultural e religiosa. O Santuário de Nossa Senhora da Penha, construído no ano de 1763, é bastante frequentado por turistas e fiéis católicos. No mês de novembro a Procissão de Nossa Senhora da Penha atrai multidões para pagar promessas, bem como, a presença de turistas e de estudiosos a essa comunidade, isto aquece a economia local. (PPP, 2016, p. 20)

Além disso, a Penha possui essa única instituição pública de ensino básico. A escola abrange os seguintes níveis de ensino: Educação Infantil, Fundamental I e II e a Educação de Jovens e Adultos (EJA).

A EJA foi a opção que escolhi para desenvolver meu projeto, pois nela existia estudantes cujo perfil se adequava melhor à pesquisa. Eram alunos em sua maioria jovens, em situação de vulnerabilidade familiar e social, mas que desejavam uma chance para melhorar de vida através da escola. Estudantes que mesmo em suas lutas diárias ainda encontravam tempo para estar no ambiente escolar, ainda que não estivessem com disposição. Para esse público, aulas mais dinâmicas e diversificadas, com conteúdos que fizessem parte do seu cotidiano, estimularia o interesse pelos estudos.

As aulas foram ministradas todas às quintas-feiras no turno da noite, das 20:00 às 22:00, nos ciclos III e IV. Uma hora de aula em cada ciclo, com aproximadamente 40 alunos no total. Estas foram as turmas escolhidas por ter uma maior concentração de jovens, entre 16 e 20 anos. A maioria trabalhava durante o dia para ajudar o sustento da família, outros tinham problemas pessoais e alguns moravam sozinhos, por isso o único horário disponível para estudar, era à noite. Os dois ciclos eram muito agitados, difíceis de se controlar, estavam sempre bagunçando na escola, atrapalhando as aulas com gritos e risos e havia muito

desinteresse pela disciplina de artes, pois para eles, o importante era apenas aprender a ler e a escrever e as vezes não havia concentração nem nestes momentos de leitura e escrita. Existiam duas grávidas em uma das turmas e mesmo assim eram garotas muito inquietas assim como o restante da turma.

A minha proposta veio no intuito de auxiliar a transformação dessa realidade indesejada pela equipe escolar e pelos próprios alunos, que precisavam de um incentivo nesta batalha diária para continuar os estudos. Trabalhar com os jovens algo que eles já tinham familiaridade e que fazia parte da sua cultura poderia ajudar a estimular a vontade de aprender, fazendo existir uma troca de saberes entre aluno e professor de forma significativa. Para ter a certeza que estaria abordando uma proposta correta para este público, precisei conversar com as turmas antes de iniciar as aulas práticas, perguntando sobre seus gostos musicais e hobbies. A resposta já era de se esperar, a maioria gostava de ouvir músicas agitadas, de dançar e tinham preferência pelos ritmos da moda como swingueira, bregafunk, funk e forró.

A escola afirma em seu Projeto Político Pedagógico:

Assim, a escola deve afirmar uma prática educativa que proporcione aos alunos a apropriação de um conjunto de conhecimentos historicamente construídos e que se constituem referências fundamentais para o seu desenvolvimento humano, cognitivo, afetivo, estético, ético. Não podemos, no entanto, desconsiderarmos no processo de formação dos nossos educandos os saberes e vivências advindos dos seus contextos de vida. (PPP, 2016, p. 6)

Então, confirmando os interesses dos alunos a partir da pesquisa feita por mim antecedendo as aulas práticas e tendo como defesa as palavras de incentivo em relação ao conhecimento prévio do aluno citadas pelo Projeto Político Pedagógico da própria escola, estava preparada para pôr em prática minha proposta pedagógica a partir da swingueira.

#### **4.1 Procedimentos Metodológicos**

As aulas de dança se deram de forma prática, realizadas no laboratório de artes e no horário da disciplina de artes. O local tinha ar-condicionado, aparelho de som, com dois espaços separados por estantes, um deles com cadeiras e mesas e o outro sem nenhum material, um espaço amplo para se mover coberto de tatames de EVA. Era neste último

espaço que a maioria das aulas ocorreram. As mesas e cadeiras ficavam reservadas para os momentos de discussão e para as pessoas que não participavam das aulas práticas.

Figura 7. Laboratório de artes



Espaço do laboratório onde aconteciam as aulas práticas. Acervo pessoal (2019).

Alguns dias, foram necessárias aulas fora deste ambiente, como a última aula por exemplo, quando utilizei o datashow. Diante disso nossa oficina aconteceu na biblioteca.

O projeto da Residência Pedagógica, nesta escola, ocorreu durante o ano de 2019, de maio a outubro, mas a aplicação desta pesquisa só ocorreu nos dois últimos meses, em formato de oficinas, pois a escola tinha um outro projeto que precisei trabalhar com os alunos<sup>29</sup>. Entretanto, isso não me impediu de estar sempre visitando a swingueira em alguns momentos das aulas, sendo através de referências dos movimentos ou do ritmo.

Enfim, setembro foi o mês de introdução à minha pesquisa. Inicialmente apresentei músicas de swingueira e fazia movimentos presentes na dança para observar a reação dos alunos, possibilitando que eles ativassem suas memórias corporais e seus conhecimentos corporais prévios. Organizei momentos que pudessem deixá-los à vontade para se expressar melhor, como por exemplo, caminhar dançando da sua forma particular e fechar os olhos para

---

<sup>29</sup> Desenvolver minha pesquisa nesta escola não foi tarefa fácil, pois mesmo a Secretaria da Educação oferecendo oportunidade de graduandos estarem na escola pondo em prática suas pesquisas, ao mesmo tempo ela exige uma extensa prioridade para projetos relacionados às festividades escolares que limitam e impedem a realização bem executada do nosso projeto, que muitas vezes são mais significativos para os envolvidos.

perceber o ritmo da música. Até que, aos poucos, já no mês de outubro, inseri os conteúdos das oficinas de dança, baseados no seguinte plano de curso:

Tabela 1. Plano de Curso das oficinas “Quebradeira na escola”

<b>Período</b>	<b>Projeto</b>	<b>Conteúdos trabalhados</b>	<b>Descrição das atividades</b>	<b>Metodologias e didáticas utilizadas</b>
OUTUBRO DE 2019: quintas-feiras à noite	Projeto Quebradeira na Escola	<b>Dia 03/10/19</b> Divisão do corpo humano: membros superiores, inferiores e as articulações	Estudo dos conteúdos de dança através de: - Dinâmicas de interação e desinibição; - Dinâmicas com movimentos baseados na swingueira;	- A estrutura das aulas seguirá o mesmo padrão: aquecimento; alongamento; revisão das aulas anteriores; atividade prática do dia; construção de um produto final para esta aula; discussão sobre as atividades do dia;
		<b>Dia 10/10/19</b> Noção de espaço e direção	- Improviso com a swingueira; - Composição coreográfica do ritmo; - Discussão sobre	- A aula contará com o apoio de jogos confeccionados por mim entre outros materiais e receberá a visita de dançarinos de swingueira para demonstração da dança;
		<b>Dia 17/10/19</b> Discutindo as letras das músicas de swingueira	os temas polêmicos existentes nas letras de música; - Avaliação final dos alunos em	- O diário de bordo também será necessário para que eu possa relatar cada momento das aulas.
		<b>Dia 24/10/19</b> Praticando os passos e coreografias da dança	relação ao projeto e suas atividades práticas.	

Fonte: Elaboração pessoal (2019)

De acordo com este quadro, organizei as oficinas em 4 quintas-feiras de outubro, cada aula com uma temática diferente. Então planejei como seria cada dia da seguinte forma:

- Dia 03/10/19, “Conhecendo o corpo”: a proposta seria realizar dinâmicas com passos de swingueira, com as quais eles pudessem identificar os membros e as articulações mais utilizadas;

- Dia 10/10/19, “Explorando os espaços”: através da criação de uma coreografia, o objetivo da aula iria explorar o espaço por meio da experimentação das direções e de figuras geométricas;

- Dia 17/10/19, “Discutindo os temas que permeiam a swingueira”: a ideia estava em dançar músicas da swingueira e identificar a temática existente em cada uma delas, a partir disso gerar opiniões e discuti-las. Neste dia também contaríamos com a presença de dançarinos de swingueira, fazendo uma pequena demonstração da sua dança e auxiliando na oficina;

- Dia 24/10/19, “A swingueira e seus resultados”: por fim, seria gerado um resultado prático por meio da criação de uma coreografia, unindo todos os temas trabalhados nas aulas anteriores. Para o encerramento neste mesmo dia, com o auxílio de slides, mostraria o que construímos nos dias anteriores com o objetivo de ter o retorno (avaliação) dos alunos sobre todas as etapas do processo.

Cada oficina obedeceu a uma sequência: 1) fazíamos um círculo para alongamento e ao mesmo tempo conversávamos para relembrar as aulas anteriores; 2) realizávamos um pequeno aquecimento com músicas de swingueira conduzido por mim, momento no qual eu dançava e eles simplesmente acompanhavam meus movimentos (figura 8); 3) depois partíamos para o tema do dia através de uma ou duas dinâmicas, criávamos pequenas composições coreográficas e discutíamos sobre o que fizemos no dia. Esta forma de realizar as oficinas podem ser chamadas de etapas ou passos didáticos. De acordo com Libâneo (1994, p. 179) são “tarefas do processo de ensino relativamente constantes e comuns a todas as matérias, considerando-se que não há entre elas uma sequência necessariamente fixa, e que dentro de uma etapa se realizam simultaneamente outras”.

Figura 8. Aquecimento



Momento do aquecimento através de passos de swingueira. Registrado por Amanda Jerônimo (2019).

Para cada um dos temas, procurei a melhor dinâmica que vivenciei no meu curso de Licenciatura em Dança, buscando adaptá-la com o foco da swingueira. Um exemplo de dinâmica que levei antes de começarem as oficinas de outubro, foi dos movimentos em espelho:

Em duplas, um aluno era o espelho e o outro fazia os movimentos para que o espelho repetisse. Estes movimentos eram criados pelos próprios alunos de acordo com o ritmo da swingueira, dando ênfase a uma parte do corpo. Fiquei encarregada de trocar a música a cada minuto, para que eles desenvolvessem a agilidade de mudar os passos, dando destaque a outra parte do corpo, notassem a mudança de velocidade dos movimentos e acompanhassem o colega que estava em sua frente. Depois de toda a atividade se desenvolver, os alunos trocavam de posição, onde a pessoa que era o espelho, agora estava na função de indicar a movimentação. Esta atividade deu a oportunidade de terem a autonomia de criar sua própria sequência de movimentos de swingueira. À medida em que eu trocava de música, eles se sentiam mais desafiados a relacionar os movimentos com a música e o outro colega que apenas imitava a dança, tinha que estar cada vez mais focado as mudanças. Assim, trabalharam a atenção, a precisão e a criatividade, além de experimentar movimentos de

diferentes partes do corpo. Foi uma atividade prazerosa na qual estavam muito concentrados, ocorreu exatamente como planejada.

Figura 9. Dinâmica do espelho



Momento da dinâmica do espelho realizada em duplas. Registrado pela dançarina convidada Taiana Oliveira (2019).

Trago aqui, através de registros do meu diário de bordo, o relato completo da primeira oficina, para melhor entendimento de como elas foram realizadas:

*Dia 03/10/19:*

*As duas turmas, ciclo III e ciclo IV iniciaram neste dia o estudo das partes do corpo com o auxílio da swingueira.*

*O ciclo III é a turma mais participativa, a maioria das meninas adoram dançar, não importa de que maneira, nem o ritmo. O ciclo IV são todos jovens e muito agitados. Gostam muito da swingueira, mas não conseguem se concentrar.*

*De início ambas as turmas estranharam, por ser novidade na escola ter esse tipo de abordagem, mas aos poucos foram se soltando, apesar de ainda estarem com pouca coordenação.*

*No primeiro momento da aula me dediquei a mostrar quatro movimentos mais simples dentro da dança e pedi que eles me acompanhassem: mover o braço, levantar o joelho,*

*circular o quadril e virar a cabeça para o lado. Para que pudessem entender melhor o ritmo e para quem já conhecia, que pudesse revisar os movimentos. Passamos a maior parte da aula nesta etapa, pois percebi grande dificuldade em realizar os movimentos na maioria dos alunos.*

*No segundo momento, quando já tinham praticado aqueles passos repetidamente, pedi que formassem grupos de 3 a 4 pessoas e criassem uma sequência com os movimentos que tínhamos estudado anteriormente. E assim se deu, cada grupo apresentou sua sequência, uns tiveram mais dificuldade e outros precisaram que eu estivesse junto para se soltar mais, outros estavam à vontade para realizar os movimentos, por se sentirem atraídos pelo ritmo.*

*No final refletimos sobre quais partes do corpo demos mais ênfase naquele dia para realizar determinado movimento da sequência, como levantar o braço ou mexer a cintura.*

Figura 10. Atividade da sequência de movimentos



Segundo momento da aula, onde os alunos criaram sua própria sequência de movimentos.

Registro pessoal (2019).

Esta foi a primeira aula em que apliquei meu projeto de fato. Como pode ser observado, ainda causou estranhamento nos alunos, mas a aula conseguiu ser realizada da forma que planejei. A swingueira esteve presente do começo ao fim da aula, não com a reprodução mecânica de passos da dança, mas com o estudo das possibilidades de

movimentos com as diferentes partes do corpo, utilizando este estilo como canal de experimentação. Esse é um pensamento do qual me sustentei a partir do discurso de uma das estudiosas do movimento, Angel Vianna. Segundo Ramos (2007), a Angel acredita que “é importante não executar nenhum movimento mecanicamente; e sim estar ciente de onde ele se origina, saber como se processa e onde ele chega”. Essa atividade específica da sequência de movimentos, deu aos alunos a liberdade de entender essa ideia de criação, desta vez não apenas uma sequência de movimentos soltos, mas sua própria composição a partir da utilização dos passos que foram aprendidos na aula ou já existentes em seu repertório pessoal.

A segunda aula aconteceu no dia 10/10 e mostro a seguir os relatos no meu diário de bordo:

*Neste dia foi lembrado os assuntos anteriores enquanto estávamos aquecendo. Eles já tinham agilidade em responder sobre quais partes do corpo trabalhamos, sobre as articulações e agora para esta aula, acrescentei o trabalho de diferenciação dos membros inferiores e superiores.*

*Utilizei músicas e movimentos da swingueira para que explorassem a parte inferior e superior do corpo.*

*Em um primeiro momento fizemos a dinâmica do telefone sem fio com o corpo: pedi que formassem um círculo, todos em pé e virados para fora desse círculo, a partir disso eu comecei a dinâmica criando dois movimentos de swingueira que envolvesse os dois membros mostrando a pessoa que estava ao meu lado sem que as outras pessoas vissem. Depois virei novamente de costas para o círculo e esta pessoa que estava do meu lado passou os mesmos movimentos para a próxima que estava ao seu lado sem que as demais vissem e assim por diante até que os movimentos passassem por todos no círculo e voltassem para mim. No final, a última pessoa anterior a mim, me mostrou o que foi repassado e eu comparei se conseguiram fazer exatamente os mesmos movimentos que eu criei no início. Fizemos várias partidas desta dinâmica, todos se divertiram e muitos deles pediram para iniciar o jogo sendo o criador dos movimentos.*

*Uma discussão necessária para esta aula foi sobre a questão racial no Brasil. A música que começamos a trabalhar se chama Negro Lindo<sup>30</sup>, da banda de swingueira Parangolé e retrata o orgulho dos negros sobre sua cultura e características. Ao finalizar o trabalho de composição coreográfica com esta música, fiz várias perguntas. Inicialmente perguntei se eles entenderam a letra da canção e sobre o que se tratava, muitos perceberam o*

---

<sup>30</sup> Artista: Parangolé. Compositor: Leo Santana. Álbum: Negro Lindo, 2010. Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=BHZ2PMx9QK4>>. Acesso em: 07 mar. 2020.

*tema da valorização da cultura negra. A partir disso eles mesmos começaram a discussão sobre o reconhecimento étnico e sobre o preconceito ainda existente nos dias atuais.*

*Neste momento o racismo virou tema da nossa roda de conversa. Então, um breve histórico sobre a escravidão no período colonial, citando os povos indígenas e a chegada dos negros foi necessário para que eles entendessem o porquê da existência de pensamentos preconceituosos existentes até os dias de hoje, além de mostrar a importância dos negros e índios na construção do país e acabar com o mito da raça branca ser a dominante. Aproveitei para perguntar se eles se consideravam negros ou de outra raça. Grande parte afirmou ser negra e ter orgulho disso. Conversamos sobre miscigenação e estimei eles a pensarem se em suas árvores genealógicas existia alguma outra etnia. Eles se entusiasmaram ao tentar lembrar dos seus antepassados, alguns lembraram de terem parentes brancos, negros ou índios e perceberam que a miscigenação está presente em suas famílias, assim como de outras pessoas e que o Brasil é uma mistura de raças, onde nesta situação o racismo se torna inaceitável, mas que ainda é uma questão recorrente que aflige negros e índios.*

*A aula se dividiu em dois momentos, o inicial foi prático e a segunda parte foi a reflexão. Os alunos participaram e se envolveram nas discussões. Houve uma imensa troca de conhecimento neste dia.*

O tema racial foi de grande importância para despertar o senso crítico dos alunos, a partir dele analisamos parte da história do Brasil colonial, conhecemos denominações como miscigenação e etnia e ainda provoquei a investigação pessoal étnica em cada um dos alunos. Todas estas abordagens surgiram a partir de uma pequena atividade de análise da música Negro Lindo. Dentro do movimento da swingueira existe uma grande defesa da valorização negra. A música e a dança constantemente trazem intenção de enaltecer a cultura desta raça e combater o racismo. Realizar este experimento sem abordar o tema característico da swingueira seria perder a oportunidade de mostrar seu potencial crítico e de contribuir para esta causa contra a discriminação racial.

A partir desse momento muitos alunos começaram a perceber a importância da dança na escola e como a swingueira também auxiliou nesse processo de construção do conhecimento. Um conhecimento que não é apenas acadêmico, mas que dialoga principalmente com a vida. Diante disso, vários pensamentos e incômodos, foram surgindo por parte dos alunos à medida que eu apresentava as atividades.

Uma outra questão que ganhou destaque foi a maioria dos garotos terem resistência em mexer o quadril. Quase sempre nas aulas, a vergonha tomava conta deles e em todos estes

momentos tentei tratar o assunto com a máxima naturalidade para que pensassem sobre esta questão de forma simples. Espontaneamente geramos algumas discussões entre as práticas, sobre padrões sociais impostos a homens e mulheres: o homem que rebola não implica dizer que é homossexual e se for, não existe problema nisso e a mulher pode ter a liberdade de dançar como quer, pois ela é dona do seu corpo.

Tratar de gênero nestas oficinas era algo habitual, minha função junto a swingueira foi de desconstruir estereótipos impostos ao homem e à mulher. A dança que exploramos exige muito movimento no quadril, foi um grande desafio ir de encontro aos padrões normativos de gênero, defendidos pelos próprios alunos ao se recusarem a dançar por estarem presos a um pensamento conservador. Minha intenção nestes momentos foi estimular a liberdade de se mover que eles mesmos se privavam sem motivos convincentes. Além disso, procurei tirar a ideia de que a mulher precisa se comportar de determinada maneira, pois certos movimentos são “comprometedores” e vão de encontro aos “bons costumes”.

A swingueira em sua dança traz movimentos sensuais, mas isso não implica dizer que ela estimula a sexualidade precoce. São movimentos simples, saudáveis e muitas vezes divertidos que são considerados inapropriados por estar presente em uma sociedade repressora. Apesar de estar sempre insistindo nesse meu discurso ao longo das aulas, trazer estas questões aos alunos do EJA através da swingueira, não teve a intenção de obrigá-los a mudarem quem são, mas foi o pontapé inicial para fazê-los pensar sobre seus costumes e atitudes.

Enfim, as aulas não ocorreram exatamente com os conteúdos e sequência como planejado, como vimos anteriormente, as discussões foram surgindo ao longo das aulas em diferentes momentos. Além disso, notei a necessidade nas turmas em continuar o conteúdo da primeira aula, pois existia uma grande dificuldade em conciliar movimento com determinada parte do corpo e de ainda não parecer claro o papel das articulações. Iniciei com o estudo das partes do corpo e o entendimento dos movimentos, através dos fatores do movimento de Laban, segundo Rengel (2003) e assim adentrei neste trabalho nas aulas seguintes. Apesar de não ter realizado as aulas como no planejamento, acredito que se deu da melhor forma, pois a medida em que eu desenvolvia um conteúdo, uma sequência de atividades e dinâmicas foram surgindo, na qual uma completava a outra e mudar o tema da aula quebraria a lógica das atividades, então deixei fluir da forma que percebi o envolvimento nas propostas lançadas.

Sendo assim, o foco das aulas se tornou o estudo das possibilidades de movimentos da swingueira a partir do conhecimento das partes do corpo: cabeça, braço, joelhos, quadril. Para isso, utilizei composições coreográficas e dinâmicas com improviso em todas as aulas, pois

também são procedimentos recorrentes no ensino da dança na escola. Marques (2012, p. 35) ao comentar sobre composição coreográfica e improvisação diz: “são esses dois processos que mais permitem aos alunos experimentar, sentir, articular e pensar a arte como criadores e participantes do mundo”. As outras duas aulas seguiram essa mesma ideia.

Para a última aula prática, realizada no dia 17/10, levei dois dançarinos de swingueira da Cia de dança Kebrart. Foi uma surpresa para os alunos, pois eles já esperavam uma aula normal, onde deveriam formar um círculo e alongar, mas ao invés disso, quando entraram no laboratório de artes, os dançarinos já estavam dançando swingueira mostrando alguns movimentos mais elaborados. Os alunos entraram quietos e concentrados observando aquelas pessoas desconhecidas sem entender ao certo o que estavam fazendo ali. Depois de alguns minutos pedi para que os dançarinos parassem e se apresentassem aos alunos, que estavam admirados com os movimentos que assistiram. Depois da apresentação a aula voltou a acontecer normalmente, mas agora tinha os dois dançarinos a mais participando. Em uma das turmas, no ciclo III, foi difícil dar continuidade a aula, que tinha como foco a experimentação dos diversos movimentos trabalhados em todas as aulas anteriores. Os alunos ficaram um pouco envergonhados de fazer as atividades pela presença dos desconhecidos, já o ciclo IV se soltou, a aula ficou bem agitada e no final da aula fizemos um momento de improviso em formato de aulão de swingueira, que geralmente é realizado nos eventos do movimento. O aulão nada mais é do que um professor executando diversos movimentos em frente a turma e todos atrás acompanhando. Os movimentos não são ensaiados, são improvisados na hora, sendo fácil para participar aqueles que não estão habituados àquela dinâmica. Um dos alunos, inclusive se ofereceu para improvisar à frente, para que todos pudessem acompanhar. Enfim, esta aula foi uma das melhores, pois procurei variar ao máximo as atividades, uma hora era dinâmica em grupo, outra hora era apenas observação dos convidados, outro momento houve improviso e o aulão deixou todos mais à vontade para se mover. Percebi um maior envolvimento de todos os alunos, inclusive aqueles que estavam sempre sentados observando se juntaram a nós neste dia para observar mais de perto as atividades.

Figura 11. Improvisação



Momento em que um dos alunos improvisa junto com o dançarino convidado Leandro Queiroz. Registrado pela dançarina convidada Taiana Oliveira (2019).

A última aula do dia 24/10 foi um momento de diálogo. Propus lembrarmos todas as aulas em que estive com eles, incluindo os momentos ao meu projeto. Os alunos se sentiram à vontade para comentar sobre suas impressões em relação às minhas aulas, realizando uma avaliação, como mostro no próximo item.

#### **4.2 Reflexões sobre o experimento**

De início, notei um espanto por parte dos alunos ao ter um gênero musical raramente visto dentro da escola. Mesmo eles gostando do ritmo e da dança, muitos se sentiam incomodados pela novidade. Eles ainda estavam passando por uma fase de adaptação a essa ideia de ter a cultura das ruas aceita e praticada dentro da escola.

Então, nas primeiras aulas, o acordo com as turmas foi de deixá-los à vontade para decidir se iriam participar das práticas ou ficar apenas observando, para que pudessem perceber que não era algo de outro mundo. Alguns queriam participar, mas tinham vergonha dos amigos que estavam na sala, outros diziam não saber dançar e apenas 7 e 8 pessoas, em uma turma de 20 alunos, se dispuseram a fazer todas as atividades. Mas com o passar dos dias, as diversas dinâmicas trouxeram mais adeptos para as oficinas práticas e de 7 pessoas, as aulas passavam a contar com as 10 ou 12 pessoas. Devo lembrar do problema de evasão,

apesar de cada turma ter em torno de 20 alunos matriculados, metade destes não apareciam nas aulas de artes nem na escola, antes mesmo da minha interferência neste local. Convencer os poucos que frequentavam as aulas, já foi uma vitória.

A partir de alguns dias, minha relação com eles já era de confiança, estavam mais adaptados com a minha metodologia e já tinham uma nova postura de comportamento nas aulas. Já sabiam que ao entrar na sala de artes tinham que formar um círculo para alongar e já ficavam ansiosos para saber o que aconteceria naquele dia.

No terceiro dia de oficina, notei um melhor comportamento das turmas, conseguiam se concentrar melhor, sem tantas brincadeiras e conversas, ao menos que a dinâmica exigisse. Neste mesmo dia, consegui, também, a participação de alguns jovens que nunca se levantaram nas primeiras aulas. A coordenação motora, de alunos que nem ao menos queriam mexer o pé, já estava bem melhor, pois quando eu pedia para fazer algum movimento, por mais simples que fosse, já faziam mais rápido sem pensar tanto e da forma correta que o movimento exigia. O olhar já não focava no chão e sim nas outras pessoas que estavam ao redor e eles estavam mais à vontade para mover o corpo sem receio do que os outros iriam pensar.

Enfim, no último dia de aula, fomos à biblioteca e relembrei através de slides com fotos e vídeos o que desenvolvemos nestes dias. Foi um momento de avaliação, onde na roda de conversa, pedi que falassem o que acharam das atividades, o que sentiram e o que mudou para eles a partir destas oficinas. As respostas foram das mais variadas, muitos disseram ter sido algo diferente e que não estavam acostumados a ter aulas de dança com swingueira dentro da escola, mas que foi uma experiência muito boa. Outros falaram que estas aulas práticas com alongamentos e danças animadas, incentivavam eles a estarem em sala de aula depois do dia cansativo.

Jéssica Weilandz, uma das garotas do ciclo IV, na avaliação comentou sobre a sensualidade existente na dança, “estudamos ela sem precisar vê-la como um bicho de sete cabeças como a sociedade expõe.” Esta estudante fez uma análise muito relevante, pois tratar da sexualidade na escola não é tarefa fácil e de acordo com Louro (2015, p. 11) “não é apenas uma questão pessoal, mas é social e política”. Cada ser humano tem sua própria construção de identidade sexual interferida por estes elementos de diversos modos, cada ser humano tem uma forma de pensar e lidar com ela, seria necessário muito mais do que 4 oficinas para trabalhar o tema mais a fundo. A intenção aqui não era inibir esta discussão, mas sim tratar ela com naturalidade e eu já sabia que iria me deparar com situações em que seria necessária uma atenção maior para esta questão, pois um dos motivos de alguns dos jovens não quererem participar das dinâmicas tinha a ver com a vergonha de expor seus corpos mexendo o quadril

na frente dos colegas. Este é um exemplo em que Marques (2012, p. 57) cita ao escrever sobre essas relações de sexualidade na dança: “O rebolado pode ser uma afronta e um motivo de vergonha para os rapazes que associam esse movimento à feminilidade que não podem/querem assumir nessa faixa etária” (MARQUES, 2012, p. 57)

Tentei abordar esse assunto da forma mais simples possível ao conversar e mostrar que aqueles movimentos de rebolado e sensualidade eram normais como qualquer outro. Homens e mulheres têm corpos semelhantes e fazer determinados movimentos não mudaria sua sexualidade nem daria o direito de julgar o outro. Fui persistente e sempre que tinha oportunidade utilizava destes rebolados nas atividades, para que virasse um movimento usual e os alarmes fossem diminuindo.

Enfim, neste dia de avaliação, dei a devida importância para todos os comentários dos alunos e analisei cada um deles para verificar se houve alguma falha de minha parte e no que eu podia melhorar. Foi um momento muito gratificante, pois percebi que interferi na maneira como aqueles alunos geralmente estudam a dança e o corpo de forma que eles notaram essa mudança de como a dança foi abordada e conseguiram expressar suas opiniões de forma clara e objetiva. Estas observações contribuíram para avaliar como se deu o processo nestes estudantes e para minha autoavaliação como professora, para que eu pudesse perceber se realmente, os procedimentos metodológicos que escolhi, estariam trazendo resultados positivos no aprendizado dos jovens.

As aulas não seguiram com os conteúdos planejados no início (tabela 1), mas acredito que o papel do professor também é perceber as necessidades das turmas, mesmo que já exista um plano de curso. Notei que não poderia me aprofundar em outros assuntos quando eles ainda precisavam de mais atenção sobre o conteúdo inicial. As turmas eram muito carentes de se mover e de socializar. Tomei a decisão de manter atividades que explorassem a experimentação dos movimentos, do trabalho em conjunto, da improvisação e do conhecimento do corpo. Senti que estudar dança com o auxílio da swingueira provocou inquietações, nos alunos, de forma que eles se sentiram estimulados a aprender mais.

Infelizmente não consegui explorar atividades mais complexas que havia realizado anteriormente na experiência com a Cia de dança Kebrart, por não ter tempo suficiente para que eles se desenvolvessem mais nas propostas, mas de qualquer forma as experiências vividas com estes ciclos tiveram efeito positivo. Não ensinei a técnica dos passos de swingueira, nem formei novos dançarinos preparados para se apresentar em festas ou competições. Ao contrário disso, apresentei para os alunos o mundo da swingueira de diversas formas que auxiliaram no aprendizado sobre seus corpos e os estimulam a pensar

criticamente. As rodas de conversas que fizemos em alguns momentos, também foram importantes por despertar questionamentos sobre nossas vivências práticas e o que elas provocaram nos jovens. Foi uma rica troca de conhecimento, por meio da qual construímos laços e aprendizados mútuos que foram bastante significativos para mim e para eles também, como fala Jackson Lacerda do ciclo III em seu depoimento sobre as aulas: “Foram aulas muito boas que a gente aprendeu muito dançando swingueira” e Angélica da Silva completou “eu gosto muito de dançar e mais esse tipo de dança me incentiva a aprender mais”.

## 5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Chegando nos momentos finais desta pesquisa, recordo cada etapa que vivenciei para realizá-la, desde a primeira ideia de construí-la até ter o último *feedback* dos alunos, e vejo o quanto foi árduo, mas ao mesmo tempo enriquecedor, para minha trajetória, desenvolvê-la.

A swingueira em João Pessoa é um movimento repleto de cultura, na qual sempre me orgulhei em fazer parte. Por isso sentia a necessidade de expor para a população sua importância e o quanto ela podia ser explorada de maneira que contribuísse com o desenvolvimento do ser humano. Desde então, se tornou um grande desafio, ir de encontro aos padrões tradicionais da sociedade, onde danças midiáticas e educação são vistos em mundos separados e onde até mesmo os próprios educadores, muitas vezes, não aceitam tal situação.

Então, trazer todo um apanhado de material histórico, de reflexões vindas de grandes nomes da dança e da educação e experimentar a swingueira através da prática na escola, foi meu desejo durante os anos finais da minha graduação em dança.

Neste percurso houveram algumas dificuldades, pois referências bibliográficas sobre a swingueira de João Pessoa são muito escassas, mas através de entrevistas, consegui coletar a maior parte das informações. Encontrar exemplos de práticas de swingueira na escola não ocorreram. Então, o que fiz foi construir um experimento pedagógico baseado nas minhas próprias práticas e estudos adquiridos pelo curso de licenciatura em dança da UFPB.

Posso dizer que fui muito cuidadosa ao realizar todo o processo, levei aproximadamente um ano e meio para preparar minhas ideias, coletar dados, construir o referencial teórico, planejar as aulas e aplicar minha pesquisa.

Por sorte, nesse mesmo período consegui ingressar no Programa Residência Pedagógica de Dança que me deu a oportunidade de trabalhar da forma e com a faixa etária que eu desejava e paralelamente as aulas, o programa, me auxiliou com estudos sobre a educação e o papel do professor.

Na escola da Penha, os alunos me acolheram bem e, apesar do estranhamento inicial, percebo a diferença que ocorreu na vida destes jovens que se dispuseram a participar da pesquisa, assim como contribuí para o fortalecimento de uma visão de educação baseada na troca de conhecimento do aluno e do professor, com abertura de espaço para a cultura vivida pela sociedade na qual a escola faz parte. Acredito que esta proposta foi bem recebida pelos jovens da EJA, eles se dedicaram durante as oficinas, se envolveram em cada dinâmica e estavam sempre ansiosos para as próximas atividades. Conseguimos compor sequências

coreográficas, os conhecimentos sobre o próprio corpo e suas possibilidades de movimentos foram muito bem explorados, assim como o senso crítico destes foi despertado e tudo isso ficou claro de ser observado no decorrer das semanas e diante da fala dos próprios alunos no nosso último encontro de avaliação. Deste modo, continuo acreditando na importância da minha proposta.

Sobre meu lugar como professora, a todo momento me preocupei com a autoavaliação. Percebi um grande avanço na forma que me expressava nas aulas. Nos primeiros dias ainda estava um pouco insegura, não conhecia as características das turmas, não tinha uma relação com os alunos, então senti muita dificuldade de chamar a atenção destes. Com o passar dos dias já estava mais à vontade, já brincava com eles e passava os conteúdos de forma segura. Como professora também notei a importância de estar sempre alerta em tudo, sempre observar cada aluno, suas dificuldades, trabalhar contra o tempo, pois o horário da aula é curto para finalizar um conteúdo de forma produtiva. Além disso, estar preparada para as interferências externas como quando a aula começou tarde porque não encontraram a chave da sala de artes ou quando houve uma reunião de última hora com a coordenação que precisava ser no horário da minha aula. Ser professor não é tarefa fácil e estas situações inesperadas me ajudaram a estar preparada para próximas experiências. Assim como me sinto mais segura para ministrar aulas em qualquer turma de adolescentes e da EJA.

Destaco a importância do meu ingresso no curso de licenciatura em dança, pois esta oportunidade me deu ferramentas necessárias para despertar a criação de dinâmicas e aulas, de forma que pude explorar os conteúdos de diversas maneiras criativas. Inclusive, a partir da swingueira aliada à educação, pude trabalhar temas transversais que abordaram sexualidade e raça. São assuntos complexos que exigem cuidado e tempo para serem bem explorados. Senti a necessidade de adentrar melhor nestes assuntos, mas o tempo da pesquisa não permitiu esse foco. Entretanto, planejo aproveitar melhor estas questões em outros momentos, como também darei continuidade a realização dos conteúdos que não pude trabalhar. Visto que não considero esta a finalização da pesquisa, pelo contrário, este foi o primeiro experimento do projeto da implantação de danças midiáticas na escola que pretendo continuar disseminando através do meu discurso e da prática em outras oportunidades nos espaços educacionais que surgirão nesta minha caminhada de dançarina, pesquisadora em dança e docente.

## REFERÊNCIAS

ASSOCIAÇÃO BRASILEIRA DE NORMAS TÉCNICAS - ABNT. Norma brasileira ABNT NBR 6027:2012. Informação e documentação – Sumário – Apresentação. Rio de Janeiro: ABNT, 2012.

BRASIL. **Base Nacional Curricular Comum**. Brasília, DF: MEC/SEF, 2017. Acesso em: 18/11/19.

CHAGAS, Ledson. (2016). **Corpo, dança e letras**: um estudo sobre a cena musical do pagode baiano e suas mediações. Mestrado apresentada ao Programa Multidisciplinar de Pós-graduação em Cultura e Sociedade da Universidade Federal da Bahia.

ESCOLA E FACULDADE ANGEL VIANNA. **Acervo Angel Vianna**: Conscientização do movimento. Reportagem publicada no Jornal O Estado, 23 de fevereiro de 1987. Disponível em: <<http://www.angelvianna.art.br/vida-e-obra/infancia-e-juventude/pequena-angel/>>. Acesso em: 30 nov. 2019.

JONAS, David. Entrevista sobre o grupo de dança Só Cintura. [Entrevista concedida a] Tatiana Domingos de Oliveira. João Pessoa: 18 ago. 2019. Via *whatsapp*.

KATZ, Helena. **Método e técnica**: faces complementares do aprendizado em dança. Rio de Janeiro: Funarte, 2009.

LACERDA, Gabriela Limeira de. **É o tchan do brasil**: história, corpo e erotismo no pagode baiano dos anos 1990. 150 f. Dissertação (Mestrado em História) - Universidade Federal do Ceará, Fortaleza, 2016.

LEME, Mônica Neves. 2001. **“Segure o Tchan!”**: identidade na “axé-music” dos anos 80 e 90. Cadernos do Colóquio (Publicação anual do Programa de Pós-Graduação em Música da Universidade Federal do Rio de Janeiro), p. 45-52.

LIBÂNEO, José Carlos. **Didática**. São Paulo: Cortez, 1994.

LOURO, Guacira Lopes. **O corpo educado: pedagogias da sexualidade**. 3. ed. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2015.

MARQUES, Isabel; BRAZIL, Fábio. **Arte em questões**. 2. ed. São Paulo: Cortez, 2014.

MARQUES, Isabel. **Dançando na escola**. 6. ed. São Paulo: Cortez, 2012.

MARTINS, Carlos Henrique dos Santos. A escola abre a porta da frente para a cultura popular urbana. **Boletim 01 Salto para o Futuro - Linguagens artísticas da cultura popular**. março/abril. Brasília: TV Escola, 2005. [documento eletrônico]

MOREIRA, Marco Antônio. Teorias da Aprendizagem. São Paulo: EDU, 1999.

NASCIMENTO, Clebemilton. **Pagodes baianos: entrelaçando sons, corpos e letras**. Salvador: EDUFBA, 2012.

PATRÍCIO, Edson. Entrevista sobre o grupo de dança Só Cintura. [Entrevista concedida a] Tatiana Domingos de Oliveira. João Pessoa: 30 jul. 2019. Via *whatsapp*.

RAMOS, Enamar. **Angel Vianna: A pedagoga do corpo**. 1. ed. São Paulo: Summus, 2007. Disponível em: <[https://books.google.com.br/books?id=tfoGCwAAQBAJ&pg=PT11&hl=pt-BR&source=gbs\\_toc\\_r&cad=4#v=onepage&q&f=false](https://books.google.com.br/books?id=tfoGCwAAQBAJ&pg=PT11&hl=pt-BR&source=gbs_toc_r&cad=4#v=onepage&q&f=false)>. Acesso em: 10 mar. 2020.

RENGEL, Lenira. **Dicionário Laban**. 2. ed. São Paulo: Annablume, 2003.

SANTOS, Marcos Joel de Melo. **Estereótipos, preconceitos, axé-music e pagode**. Salvador, 2006. 237 f. Dissertação (Mestrado em Psicologia) - Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas, Universidade Federal da Bahia, Salvador, 2006.

SILVA, Tiago. Entrevista sobre o início da swingueira em João Pessoa. [Entrevista concedida a] Tatiana Domingos de Oliveira. João Pessoa: 19 jul. 2019. Via *whatsapp*.

TADRA, Débora Sicupira Arzua *et al.* **Linguagem da Dança**. 1. ed. V. 2. Curitiba: IBPEX, 2009.

UNIVERSIDADE FEDERAL DA PARAÍBA. **Projeto pedagógico de curso:** curso de licenciatura em dança. João Pessoa: 2018.

VICENTE, Ana Valéria. **Frevo para aprender e ensinar.** Olinda: Editora da Associação Reviva; Recife: Editora UFPE, 2015.

VICENTE, Eduardo. **Música e disco no Brasil:** A trajetória da indústria nas décadas de 80 e 90. São Paulo: 2002. Tese apresentada à Escola de Comunicações e Artes, da Universidade de São Paulo, 2002.